



EX-LIBRIS

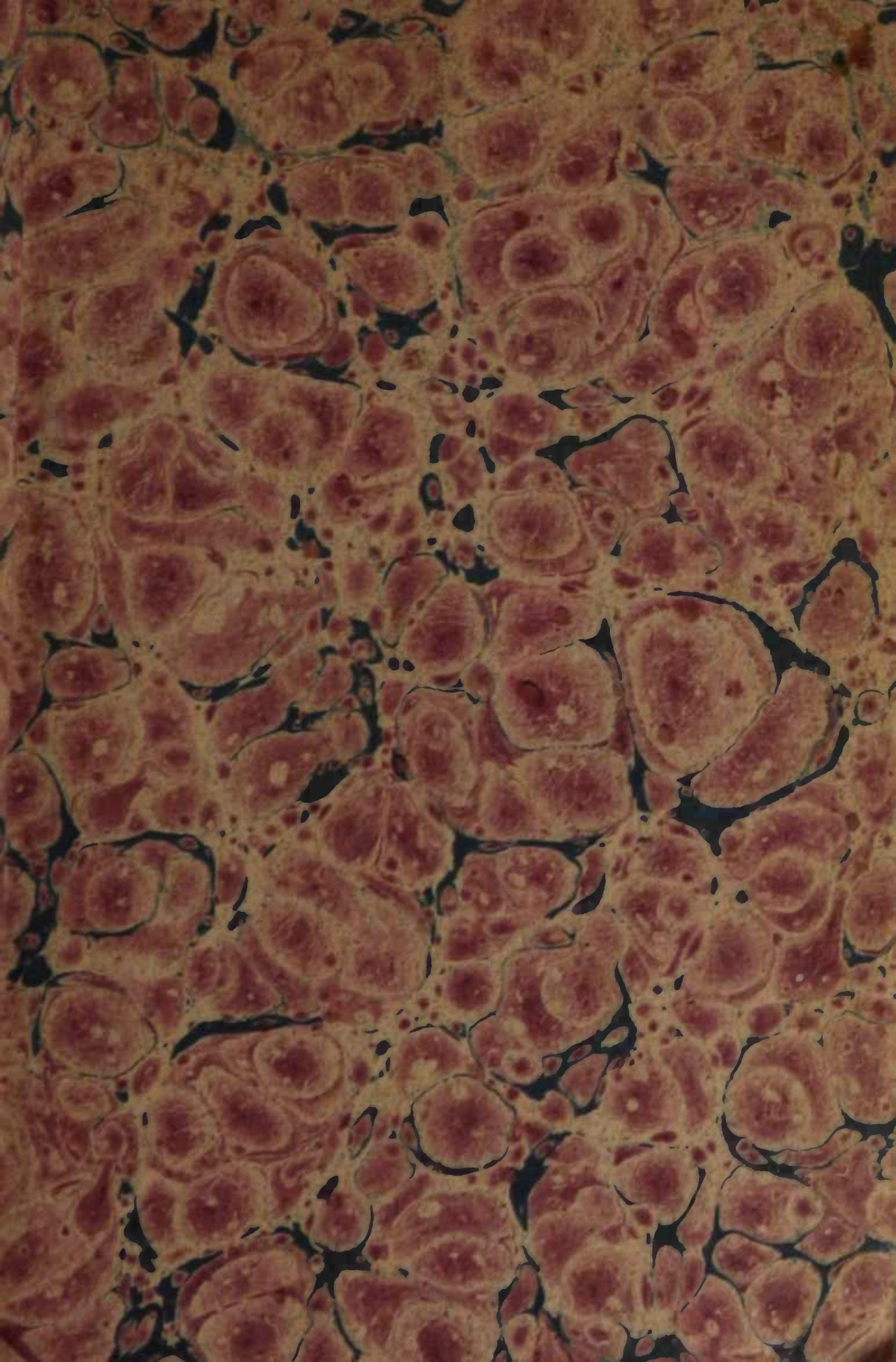


RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

W.

KSC.











**POESIAS**  
**AVULSAS**  
**DE**  
**AMÉRICO ELYSIO.**

Se não me hé dado remontar seguro  
Ao álcaçar sublime da Memoria ,  
Ao menos não submerge o esquecimento  
O meu nome de todo; e venturoso,  
Pelas gentiz Camenas bafejado,  
Sobre as ondas do tempo hirá boiando.



**BORDEOS.**



1825.





---

## DEDICATORIA.

---

**L**EITOR Brasileiro, costumavão os Gregos e Romanos do bom tempo velho dedicar suas obras á seus naturaes e amigos; porque a adulação e o interesse não aviltavão então as lettras e as sciencias. Os Grandes e os mimozos da fortuna, á cujas abas se acoitão hoje os peralvilhos Litterarios, se não tinham verdadeiro merito, nem recebião, nem pagavão louvores mentirozos. Maz se no meio da vileza e corrupção moderna não pode o escriptor honrado obstar, que escravos lizongeiros não enxovalhem com inepcias e baixeza a razão e as boas artes, pelo menos deve alçar a voz em seus escriptos para atacar o crime e ridiculizar o vicio, para instruir e ennobrecer a humanidade; e quando o inspira Apollo, deve então com a musa amimar a virtude, e deleitar

vj

o coração. Que eu seja teu amigo, algúas provas ja tenho disto dado; e para tas continuar á dar no meu desterro, onde as circumstancias me não permitem mais por ora, ouzo offerer-te estes poucos e desvairados versos. —

*Farpados restos do traquete roto* : que me ficarão de incendios e roubos successivos, que de todos os outros derão cabo. Fui nelles assaz pouco em *rimas*, porque a nossa bella lingua, <sup>319</sup> como a ingleza, hespanhola e italiana, não precisa, absolutamente falando, do *zum-zum* dos consoantes para fixar a attenção e deleitar o ouvido; basta-lhe o metro e rithmo: e quanto á monotonica regularidade das estanças, que seguem á risca francezes e italianos, della as vezes me apartei de proposito, usando da mesma soltura e liberdade, que vi novamente praticadas por hum *Scott* e hum *Biron*, cisnes da Inglaterra. Devo prevenir-te tambem, para descargo de minha consciencia, que se d'antemão não tiveres saboreado as poesias, que fazem a parte *æsthetica* da antiga

Collecção hebraica, á que damos hoje o nome de antigo Testamento; ou folheado ás composições gregas e latinas, que nos restão; ou pelo menos os cantos da soberba Albion, e da Germania culta, certo não acharás o menor sabor e pico nos que ora te offereço. Quem folgar de *Marinismos* e *Gongorismos*, ou de *Pedrinhas no fundo do ribeiro*, dos versejadores nacionaes de freiras e casquilhos, fuja desta minguada rhapsodia, como de fe<sup>o</sup> amarella. Deos te ajude.

Bordeos, 27 de Fevereiro de 1825.

AMÉRICO ELYSIO.





---

# POESIAS AVULSAS.

---

## ODE

### A' POESIA

Em 1785.

**N**ão os que enchendo vão pompozos no

Da Adulação abocca;

Nem canto Tigres, nem ensino á Feras

As garras afiar, e o agudo dente :

Minha Musa orgulhoza

Nunca aprendeo a envernizar horrores.

Genio da inculta Patria, se me inspiras

Acceso Estro divino,

Os porfidos luzentes não mo roubão,

Nem ferrugentas malhas, que deixarão

Velhos avós cruentos :

Canto a Virtude quando as cordas firo.

( 2 )

Graças ás nove Jrmãs ! meus livres cantos  
São filhos meus e seus !

A lauta meza de baixela d'ouro,  
Onde fumegão siculos manjares,  
Do vulgo vil negaça,  
Mal comprados louvores não me arranca.

Divina Poesia, os alvos dias,  
Em que pura reinavas,  
A agirão de nos. — Opacas nuvens  
De fumo os horizontes abafando,  
A luz serena offuscam,  
Que sobre o Velho Mundo derramaras.

A' sede d'ouro, e á vil cobiça dados  
Os filhos teus ( ingratos ! )  
Nas niveas roupas tuas aljofradas  
Mil negras nodoas sem remorço imprimem.  
Mascarada Lisonja,  
Fome, Baixeza os venaes hymnos dictão.

Então que densos bosques e cavernas  
Os homens acoutavão,

Pela Musica e Dança acòmpañhada,  
Benefica Poesia a voz alçando,  
Do seio da Mãe Terra  
Nacentes muros levantar fazia.

Então pulsando o Vate as cordas d'ouro,  
A populozã Thebas  
Altiua a frente ergueo, ao som da lyra;  
E os horridos costumes abrandando  
A sentir novos gozos  
Aprende a feroz gente, bruta e cega.

Assim Orpheo, se a doce voz soltava,  
Os Euros suspendidos,  
O Rio quèdo, as rochas attrahia :  
E os raivozos Leoões e os Ursos feros  
Manso e manso chegavão  
A escutar demais perto o som divino.

O Selvagem que então paixões pintava  
Com uivos e com roncós,  
Pelas gentiz Camenas amestrado  
Os ouvidos deleita, a lingua enrica,

( 4 )

E com sonoro metro  
Duraveis impressões grava na mente.

Qual a tenra donzella branca e loira  
Da Paphia Deusa inveja,  
Os olhos cor do ceo, vermelha a face,  
O peito faz sentir que não sentia :  
Assim Musas divinas,  
Coração bronzeados amcigavão.

Frente os frios Bretoës, e os Celtas duros  
Reinarão as Camenas.  
De pó, de sangue, de ignominia cheios  
Mostra os vencidos Ossian á patria;  
E á frente coroando,  
Canta os triunfos, canta a própria gloria.

Qual das aves a magica harmonia,  
Que a primavera canta,  
Assim teus feitos, grandes e sublimes,  
No dia da victoria, Herculeo Fingal,  
Teus Bardos celebravam,  
E a testa sobranceira desfranzias.



( 5 )

Soberbos templos teve, teve altares

Na Grecia a Poesia.

Genios brilhantes! seus antigos Vates

Os sociaveis nós, uteis e doces,

Humanos apertaram:

Simples, e poucas, sabias Leis fizeram.

A frente levantar não se atrevia

O Fanatismo ferreo;

Co' a gotejante espada dos altares

Arrancada, vermelho sangue quente,

Que lagos mil formára,

Dos proprios filhos não vertia a Terra.

Nem absurda calumnia perseguia

A razão e a virtude....

Se a Terra via, via heroicos crimes.

Tu Monstro horrendo, horrendo Despotismo,

Ah! sobre ti cahiram

Accesos raios, que na mão trazias!

Maldição sobre ti, Monstro execrando,

Que a Humanidade aviltas!

( 6 )

Possam em novos mares novas terras,  
Por Britannicas gentes povoadas,  
Quebrados os prestígios,  
Os filhos acoitar da Liberdade !

Então a fome de oiro, mãe de crimes,  
Negra filha do Inferno !  
Não tinha o braço matador armado  
Do tyranno Europeo. — A Africa adusta,  
E a doce Patria minha,  
Seus versos inocentes entoavam.

Vós lhes dictaveis, Heliconias Deusas,  
Ternos versos chorosos  
Do doce amigo morto á sombra ausente !  
Outras vezes as vozes levantando,  
A gloria dos Heroes,  
Em choréas enérgicas cantávam.

Então nascendo altiloqua Epopea  
Celebra os Semideuses :  
Tal da Grecia recente em alvos dias,  
A trombeta embocando sonora,

( 7 )

Fez ver a luz Homero,  
Que depois imitaste, Augusta Roma !

Não mil estatuas de fundido bronze,  
Nem mármore de Paros  
Vencem as iras de Saturno idoso :  
Arrazam-se pyrámides soberbas,  
Subterram-se obeliscos,  
Resta uma Illiada, e uma Eneida resta !

Qual rouca rãa nos charcos, não pretenda  
De mim vendidos cantos.

Se a Cythara divina me emprestarem  
As Fênixes da Memoria, altivo e ledó,  
A virtude cantando,  
Entre os Vates também terei assento.



## ODE.

**V**EM minha Eulina, vem : corramos presto  
A's colmadas choupanas, que convidam  
Com retirado asylo.

Ali te esquecerão da futil Corte  
Os bulhosos prazeres que esvoaçam

Os pavidos amores :  
Ali solta a ternura, e os meigos beijos,  
No seio da singella Naturêza

Quantas terás delicias !  
Que póde embelezar-te a vãa Lisboa?  
Defina a mocidade, se acanhados  
Os nascentes affectos.

Então a comitiva dos Pezares  
Virá despir teus dias de alegria,  
Dias longos, sem gosto !

Nutre-se Amor com mil prazeres livres,  
Com livres expressocens de peitos ternos  
Que lhe alentam os vôos.

Mas onde acharás tu logar mais proprio



( 9 )

Que o campo escuso, habitação tranquilla  
Da amiga liberdade?

Ali somente o coração ensina  
Dos olhos a linguagem maviosa,  
Os puros sentimentos!

Nada ha que prenda fervidos dezejos :  
Nada se oppoem ao simples Pegureiro,  
Que o peito seu descobre.

Ouvindo-lhe caricias a Pastora  
Entre seria e risonha lhe responde  
Co' a face nacarada.

Amar entre Pastores não hé crime :  
Todos sentem os mesmos movimentos  
Que sentimos, Eulina!

Nem precisam de juras nossos peitos,  
Prezos estão em doces nós eternos,  
Que o tempo não desata.

Orgulhosa ambição, cuja cobiça  
Não envenenam asisados dias

Do Camponez ditozo :  
Goza de amores francos e singélos  
Pastos ao gado hervosos, gradas ceifas

( 10 )

Affortunam seus dias.

Não soffre a sanha de insolente Grande;  
Nem vão Ricaço lhe deslumbra os olhos

Co' a Cruz regateada :

Se não habita Paços magestosos,  
Onde marmoreos alizares brilham,

Co' a Natureza mora.

Ah ! basta-nos somente que a choupana  
Nos acubite das chuvas invernosas,

Das calmas queimadoras !

Quando as musicas Aves alvorada  
Derem á rubra destrançada Aurora,

Te espertarei com beijos.

Iremos conduzir as ovelhinhas,  
Dos amigos rafeiros vigiadas,

A's humidas hervagens.

Das quentes sestas o calor não temas :

Escolhida por mim mimosa relva

Convidará teu somno.

A' sombra dos copados arvoredos  
Nosso amor gozaremos, abrigados

Dos olhos invejosos !

Não trajada de purpura ou de seda ,

Mas de singella natural belleza ,

Dominarás meu peito.

Milhoens de beijos cobrirão teu seio ;

Em vão contal-os ousará cioso

O Zoilo malfazejo !

Assim , Eulina , correrão teus dias :

Assim nos colherá velhice tarda

Entre amores constantes.

Sim , minha Euliná , vem : corramos prẽs.

A's colmadas choupanas , que convidam

Com retirado asylo.



## ODE.

**A**s nitidas maminhas vacilantes  
Da sobrehumana Eulina,  
Se com fervidas mãos ousado toco,  
Ah ! que me imprimem súbito  
Electrico tremor, que o corpo inteiro  
Em convulsoens me abala !  
E ferve : em catadupas cahe-me....  
Brotam-me lume as faces....  
Raios vibram os olhos inquietos....  
Os ouvidos me zunem !  
Fugir me quer o coração do peito....  
Morro de todo, amada !  
Fraqueja o corpo, balbucia a falla !  
Deleites mil me acabam !  
Mas ah ! que impulso novo, ó minha Eulina !  
Resistir-lhe não posso....  
Deixa com beijos abraçar teu peito :  
Une-te a mim.... morramos.



( 13 )

## ODE

### A AMIZADE.

Amitié, don du Ciel, soutien des grandes âmes !

VOLTAIRE.

**D**E novo, ó Musa, as azas empenem  
Firam-se as aureas cordas  
Da Lyra abandonada :  
Os frescos valles do sagrado Pindo  
Mais esta vez trilhemos.

Novo Alcides a clava sopezando ,  
As Hydras , as Chýmeras  
Caíam aos pés exangues ;  
A soberba enrugada, a vil Mentira ,  
E tu , Lisonja astuta !

Musa , Fílha do Ceo ! que espirito accêso  
Me allumia a mente ?  
Não he furor fingido. —

( 14 )

Nem são inspiraçoens da velha Delphos;  
He da Amizade o estro !

Ja desce lâ do Empireo a san verdade :  
Fujam , profanos fujam !  
Aquelles que sentiram  
Uma vez da Amizade os meigos laços ,  
Venham ouvir meu canto.

N.º •    lourados tectos levantados  
De marmoreo Palacio ,  
Ou em Doricas arcadas ,  
Que sustentam as sálas magestosas ,  
Mora a virtude santa.

Oh doce Paz, sagrada Liberdade ,  
Unicos bens do Sabio !  
Os Idolos da terra  
Não vos conhecem. — Vós dormis tranquillás  
No seio da Amizade.

Em quanto na esquentada fantezia  
Creando ôcos fantasmas,

( 15 )

Freneticos humanos  
Suspiram por privanças e chymeras,  
Que os sustos envenênem.

Nos campos innocentes, onde brinca  
Zephиро prazenteiro,  
O sabio solitario  
Ri desses doidos, ri do Velho Mundo  
Com o discreto amigo.

Sé sisuda tristeza lhe bafêja  
Com halito empestado,  
Beijando a cara amada,  
Em quem móram Cupidos cento e cento,  
Inveja faz aos Deuses.

E lá quando do negro throno estende  
O plumbeo sceptro a Noite  
Sobre o cansado Globo,  
Sentado c'o amigo á parca meza,  
Conversa ledamente.

Umas vezes sondando altos mysterios,

( 1

Vedados á vil turba,  
Deixando o pezo inerte,  
Nada no Espaço immenso, os Globos peza,  
Milhoens de Sóes encara!

Outras vezes baixando á humilde terra  
Contempla a natureza :  
As doíradas espigas,  
Que os prados vestem de formosas ceifas  
Oiva, e se enternece.

Tu Leibnitz immortal, tu grande Newton  
A razão lhe vigoras !  
E incredulo admira  
Os vastos turbilhoens, partos sublimes  
Do creador Descartes.

Locke, Montesquieu, Rousseau, Voltaire,  
Virgilio, Pope, Homero,  
Camoens, o padre Horacio,  
Repartem os seus dias venturosos  
Co' a candida Amizade.

Assim, meu bom Filinto, caro amigo,

( 17 )

Com teu amigo Elysio

Possas viver teus dias!

E deixa que casquilhos repimpados

Namorem Senhoritas.



( 18 )

## ODE

( Imitada do Inglez. )

A MORTE DE UM POETA BUCÓLICO,  
AMIGO DO AUTHOR.

( *A Scena he sobre o Rio da Bertioga em  
Santos, no Brasil.* )

ALI repousa o divinal poeta  
No tumulto! ali dónde mansamente  
A descansada vaga temerosa

Se arreda com respeito.

Vós singelas bellezas da Natura

Ah! vinde, levantai-vos,  
E ornai do vosso Vate a sepultura.

Ali n'aquelle fundo verde leito

De juncos murmurantes enterrada

A frauta está, que annosos troncos duros

Attrahia ligeiros.

Ah! quem tiver o coração afflicto,

( 19 )

Em tristeza ensopado,  
Visite uma e mais vezes seu sepulchro!

Aqui tenros mancebos e donzellas  
Mil lagrimas darão ás cinzas frias;  
E em quanto seus sons tristes o contorno  
Encherem de amargura,  
A Compaixão c'os olhos disvellados  
Crerá que inda lhe escuta  
Suas meigas palavras derradeiras.

Melancholica Saudade quantas vezes  
Lá pela margem vagará pensando,  
Em quanto a fronte adorna o patrio Rio  
De vernais grinaldas!  
E quantas vezes golpeante remo,  
Nos ares suspendido,  
Tranquillos deixará seus gentiz manes!

Quando o Prazer e a festival Saude,  
Fugindo das cidades se retiram  
Aos prados geniais, onde lascivos  
Os Zefirinhos folgam,



Triste amigo a cabana descobrindo  
Entre a varia paysagem,  
A face regará com pranto justo.

Mas tu, Vate gentil, que friamente  
O campesino humido leito habitas,  
De que te hão de servir lugubres cantos  
Que a afflicção entôa?  
De que te hão de servir lagrimas tristes  
Que amorosa Saudade  
Chora debaixo da ligeira véla?

E inda haverá mortal desasisado,  
Que sem temor os olhos seus demore  
Sobre o pálido tumulo sagrado,  
Que lá reluz ao longe?  
A' vista delle, doce Vate, morre  
Toda a alegria minha,  
Morre o prazer da amena primavera....

E tu paterno Rio despresado,  
Cujas margens tristonhas desamparam  
Os verdejantes tortuosos mangues,

Que tristes vão secando,  
Ah! da vista me tira aquelle outeiro,  
Cujas humidas fraldas  
O sepultado cáro Vate encerram....

Murchos já vejo os valles florescidos!  
Habitação de barbaras Napeas!....  
Que opaca noite escura vem cubrindo  
Esta vista solemne!...  
Inda uma vez, amada sombra ausente,  
Da candida Natura,  
Inda mais esta vez, Adeus filhinho!....

---

( 22 )

## ODE

NO GOSTO ORIENTAL.

1820.

AO SENHOR DOM JOÃO VI.º

Co' a santa paz , com teu benigno mando  
Aíla esfaimada , mansa ameiga  
O timido Cordeiro.

O infante que apenas lava os beiços  
No leite maternal , teu doce Nome  
Já repete risonho :

Faz chover tua Mãe celestes dons ,  
E vaza mil venturas , qual chuveiro  
Por Boreas sacudido.

E os vastos campos , que avisinha o Prata ,  
Ora de mato , e d'herva nil vestidos ,  
Serão jardins de Eden.

Mas se o Colono Ibero nos provoca ,

Nossos gineles beberão com gosto  
De sangue as aguas tinctas.

Da relusente espada, teus Paulistas,  
Iráõ sobre os rebeldes sacudindo  
Apinhoadas mortes.

E Mavorte, que em sangue ensopa as fauces,  
Fará seus membros vis pasto de tygres,  
De famintos còrvos.



## O INVERNO.

1788.

*(A scena he em Almada defronte de Lisboa.)*

**O**RA que o feio sobrançado Inverno  
As grutas deixa do gelado Norte;  
E em triste magestade  
De medonhos tufoens arrebanhado,  
De grossas nuvens negras prenhes d'agua,  
Assalta o Meio Dia;  
E faz dos prados inda florescentes  
Os Zephiros brincoens fugir trementes :  
Aqui sobre o penhasco sobranceiro ,  
No negrume da noite,  
Onde a vaga raivosa a furia quebra  
Em nitida ardentia ,  
Ah ! deixemos errar o pensamento  
Entregue a si , sem tento !  
Triste de Elysio misero , cansado !  
Longe da cara , da gentil Eulina ,

Ou geie, ou chova, ou vente,  
Absorto em seus pezares nada sente!

Do Tejo encapellado  
Nas pardas praias, onde as conchas luzem,  
( Quaes lá sobre cabeços verdes brilham  
As vivas cores do listrado Iris )

Ondas mil rouquejam.  
C'os beißos titubantes, enfiado,  
Tincto da côr da morte o triste rosto,  
Por entre o horror da noite, e as ondas

O batel mal governa  
O pavido barqueiro!  
Os ventos berram, ferve o Tejo inteiro!  
Eu só, meu Bem, em ti sómente absorto,  
Na Lapa cavernósa reclinado,

Naõ temo os elementos.  
Na memoria teu gesto repintando,  
Debalde carrancudo Inverno brame,  
E mar, e ventos, e borrascas duras:  
Debaldo enlutada a Natureza  
Meu peito quer tingir de côres pretas;  
Mas póde em ti pensando,

Cara Eulina, deixar de derreter-se  
Em prazeres minha alma,  
A quem teu nome só socéga e calma?  
Por entre as bastas nuvens, que adelgaça.  
O vento furioso,  
Levanta-te ó Lua. — Sobre o Tejo,  
Espalha os frouxos amarelllos raios,  
E deslizando as vagas,  
Que ao nauta còbrem de suor e frio,  
Mostra um pouco sereno o irado Rio.  
Sim, vejamos ao menos se por entre  
Os bruscos ares que alumia a Lua,  
A habitação vislumbro!  
Ei-lo lá está da minha Deusa o templo,  
Se os olhos não se enganam!  
Mas ah! que não escuto as fallas meigas  
Com que tygres amansa encarniçados,  
Com que peitos amolga bronzeados!  
Talvez, meu Bem, no leito desleixada  
Entregues á Morphêo ternas lembranças.  
Quem podera de um tiro abalançar-se  
A divinal alcova!



Ali contemplaria arrebatado  
Mil thesouros da pródiga Natura.

O niveo lindo peito  
Veria palpar suavemente  
Que meigo sabe amar, que meigo sente !  
Gentil Eulina ! sim- os lindos pomos ,  
Ricos cofres de amor e de ventura ,  
São mais brancos, que a espuma prateada  
Que o Tejo lança agora, quando os ventos  
Ferem as ondas contra a rocha dura ,

Que seu furor atura.

Mas ai de mim, que faço ! a Fantezia  
De onda em onda de ficticios gozos  
Erra mesquinha ! Basta já de sonhos !  
E na lapa musgosa reclinemos

O fatigado corpo :

Inda talvez que brilhe un alvo dia ,  
Dia cheio de amor, e de alegria !

## ODE

AO PRÍNCIPE REGENTE DE PORTUGAL

No tempo da Invasão dos Francezes.

Rasgando o véo de trevas,  
Esparge Aurora as matutinas rozas :  
Assim divina Urania, quando os Deuses  
No Òlympo diamantino em largo gyro  
Os extaticos Cantos escutavam  
Que a Lyra acompanhava,  
O mesmo Padre Jove desfranzindo  
A fronte sobrançada,  
Os ouvidos fitáva  
Banhado em riso; em jubilos nadava....  
A mim, não as coroas alcançadas  
Na Pythica carreira,  
Que Pindaro cantára  
Móvem meu éstro. — Só quando celebras.  
Os Heroes sobrehumanos,  
Que virtude e sciencias embaláram,

A quem povos amaram ,  
Então deitando mão da Lyra d'ouro ,  
Da Lyra , que me deras ,  
Qual de Cumás a horrisona caverna  
Retumba em torno c'o furor divino ;  
Assim , ó Musa , de teu nume accesa  
Chameja a mente , ferve todo o sangue...  
E ledos hymnos , filhos teus , voando  
Os ares vão cortando !

Ah ! quem não sente estremecer-lhe o peito  
Ouvindo os cantos dos Argivos Cysnes ,  
Odio das Musas hê. — Odio de Jove !

Teu nome amado  
Alados hymnos levarão sem susto  
Ao templo da Memoria  
João , do Brasil , Gloria , Esperança !  
É pois que Apollo , e tu divina Urania  
Prenhe de dons eternos  
Puro regaço sobre mim vazastes ,  
Com mão segura de mil novos cantos  
Rico feixe ajuntemos ,

Com que lhe a frente heroica coroemo3.

Mas que scena funérea

Ante meus olhos se abre!

Eis o Tejo tristonho, reclinado

O corpo sobre a urna,

Das Tagides cercado,

Assim o ar povoa de queixumes!

« Já fui Tejo! já fostes Lusitanos!

( E pára um pouco ) ó dias!

» Dias de Henrique, Manoelinos dias!

» Já fugiram da patria!

» Os Lenhos Portuguezes

» Que cem mares arando não trilbados,

Tres mundos arredados,

Por cima de milhoens de insanos medos

» Ousados conquistáram,

» E as Quinas indomitas plantaram,

Minhas margens não saudam. —

» Mil piraticas quilhas

Do Gallo, do Bretaõ, do Escandinavo

Aporfiadas roubam

» O oiro e o sangue da indolente Lysia!  
» Meu nome augusto que infundia outr'ora  
    A' terra toda espanto,  
» Hoje apenas se ouve no Universo. —  
    Cumpriram-se os Destinos :  
» Foi victima de crimes Lusitania ! »  
Assim fallou. — E na torvada mente  
Revolve um grão tropel de ideas cento.  
    As Tagides chorosas  
Se arremeçam ao Deos , e tentam meigas  
    Amaciar-lhe a magoa :  
    Mas a magoa que sente  
Vive no peito impressa eternamente.

    Ah , sim ! já fomos Lusos ,  
Prole somos de antigos Semideuses !  
Eis de arredadas terras busca a patria  
Rico de noçoens mil , rico de gloria  
    Aventureiro Pedro !  
Eis se electriza a mente mais que humana  
    Do crçador Henrique !  
A' um seu acêno só , ergue-se em pé

Navegação activa !

Na frente os murchos loiros reverdecem-lhe.

Nunes, brilhante de saber profundo,

A douta penna empunha,

E da rica Astronómia as fontes abre.

Então abarca no pejado seio

A bella Lusitania, que remoja

Em ardimento e gloria,

Sabios estranhos e Varoens ousados,

Que transpondo do inerte patrio sólo

O vastissimo deserto,

Encontram nova Patria, e asylo certo.

Lusas soberbas Argos

Vão lustrar novos Ceos, e novos mundos.

Acama-se o Oceano respeitoso

Ante estranhadas prôas;

E o douto Astrolabio, que reúne

Os mundos, o universo inteiro abre.

De mil Naçoens diversas

O mar dissociavel he o liame. --

Colombo, que Lysia ensina e nutre,

Vai embicar n'um mundo ,  
Que do Tártaro filhos , negros monstros  
De crimes asselaram.

Eis o Gama afrontando infindos p'rigos  
Ao berço se abalança  
Da Aurora apavonada !

Domam os gelos da Hudsonia costa  
Corte Reaes ousados. —

Dos inclytos Heroes se expande o peito;  
E rompendo as prizoens da estreita patria ,  
Vão respirar um novo ar immenso !  
Gravidão-lhes a mente destemida  
Novos climas e leis , novos costumes ,  
Mil novas producçoens , mil novos entes.

Mas ó Ceos , que transtorno !  
Louco mancebo ! aos crús alfanges Mouros  
Dar vas da gente miseranda o collo !  
Velho desasisado ! ergues fogueiras  
Contra a patria , que entregas  
Do Ibero Leão ás impias garras !  
O Netos desgraçados ,  
O' inclytos trabalhos mallogrados !



**Mas Jove ama a justiça e pune os crimes :**

**Nem sempre o Céu he surdo**

**Dos miseros mortaes ao pranto e aos ais.**

**A patria que gemêra agrilhoadá**

**Pelas armas e ardis do Ibero infame**

**Doze lustros inteiros ,**

**Já levanta a cabeça ;**

**E beija a mão libertadora e santa**

**Do inclyto Bragança.**

**João o Quarto, Jozé, Maria Augusta**

**A quem Leão Ibero não assusta ,**

**Da Lusitania as lagrimas enxugam :**

**Acham nelles asylo**

**A Razão, a Virtude, as Artes bellas.**

**Já sobre a Lusitania vai raiando**

**Brilhante luz, de novos bens presaga....**

**Mas, ó Fado cruel, que scena horrivel!**

**Infame negro monstro,**

**Que o Inferno criou, nutrio, cevou,**

**A bella Lysia esmaga ;**

**E a luz, que já raiava, abafa, e apaga.**

Qual túrgida torrente,  
Que precípite cahe da rocha íngreme,  
Tudo súbito alaga :  
Assim das Furias o esquadrão cerrado  
Sobre Lysia cahio.  
Em gomo mata as debeis esperanças  
Gallicano granizo.  
Eis fusco véo de nuvens atras, grávidas  
A Lusitania envolve.  
Liberdade, Razão, Virtude e Honra,  
Filhas do Céu ! ao carro maniatadas  
Levam de rojo as Furias-Foragidas  
As Artes perseguidas  
Pávidas fogem. — Nas campinas áridas  
Não brincam prazenteiros  
Co'a loira espiga os Zefiros travessos :  
Filhas do Inferno impías  
Abafaram de Lysia os novos dias.

Justos benignos Deozes,  
Deozes outr'ora aos Lusos favoraveis,  
Basta de males, basta !

( 36 )

Ouvi os rogos que do peito arranco !

Que súbito portento !

Rasgando os ares que d'amor se accendem ,

De Jove omnipotente ao solio eterno ,

A Paphia Deosa vôa.

Qual depois de borrasca negra e horrenda ,

Branquêa os cumes destrançada Aurora ,

E a Creação remoça :

Assim ao ver a bella Cytheréa

O Olympto exulta e goza.

Eis chega a Diva ao Pai : Jove estremece ,

E para a abraçar do solio desce.

.....

*Cætera desiderantur.*



## CANTATA I<sup>a</sup>

**V**ós me nutris os ternos pensamentos,  
Quando á sombra das arvores copadas,  
Sombrios vales frescos,  
A redea inteira solto á fantasia !  
De belleza em belleza divagando  
Sófrega a mente se me vai nos olhos :  
Depois meiga saudade  
Manso e manso do peito se apodera....  
Tudo o que vejo então me pinta Eulina.

Eis aquella violêta , que goteja  
Das folhas frio orvalho ,  
Os olhinhos de Eulina maviosos  
Cheios de mil amores, mil feitiços  
Me pinta lagrímicosos,  
Quando ella dos meus brincos se agastava.  
Os recentes jasmins vivo debuxam  
Os dentinhos de Eulina que sorria  
Aos humildes meus rogos.

( 38 )

Então as niveas faces delicadas  
Se com os beijos meus os seus tocava,  
Sorrindo pudibunda  
Ah! que eram duas rosas orvalhadas!

E há quem possa, ó minha Eulina vêr-te,  
Inda que seja um marmore,  
Sem palpar-lhe o coração no peito?  
Por mim o digam, cara,  
Se te vejo, as entranhas se me embebem  
De insolito alvoroço;  
O sangue ferve em borbotoens nas veias!  
Sou todo lume, fico todo amores!  
E ainda se enfada à crúa,  
Se lhe digo a verdade?  
Veja-se áquella fonte. Solte o rizo,  
Que me rouba a mim mesmo,  
Verá sorrir com ella a Natureza!  
Insoffrido esquadrão de alados beijos,  
Em torno de teus beijos revoando,  
Delles, Eulina, vida estão tirando.  
Labios da minha Eulina,

( 39 )

Labios, favos de mel, mas venenosos!  
De vós depende dos mortaes a dita,  
Se meigos vos abríis.... ah! nunca irosos!

Desentrançadas as madeixas de oiro,  
Que ondeam sobre o cóllo cristalino,  
Meneando com graça o corpo airoso,  
Inda mais bella que as Napeas bellas,  
Quando as arestas do ondejante trigo,  
No folgado nocturno,  
Em rapida carreira apenas tocam!  
C'os olhos côr do Céu, branda e serena,  
Aqui de manhã vinha, aqui folgava  
Conversar ás singellas c'o a Natura!...

Parece que a estou vendo.

Qual Zefirinho meigo  
Que as espigas açoita levemente;  
Assim lhe vai tremendo o eburneo collo,  
Assim os lacteos pomos buliçózos,  
Brinco dos Cupidinhos,  
Docemente vacillam,  
Quando entre as flores, nova flor passôa!

( 40 )

Eulina , Eulina minha !

Ah ! não vendas tão cara a formosura ,  
Se a natureza a deo , deo para dar-se.  
O peito ás Leis de amor não encruêças :  
Quem dura lhe resiste  
Vai contra o Céu , a Natureza offende.

Sim , crê-me , ó cara Eulina ,  
Tudo o que sente , tudo o que respira ,  
Tudo o que do almo sol calor recebe ,  
Reconhece de Amor supremo mando.

#### ARIA.

Se a Natureza  
Te fez tão bella ,  
Por que és cruel ?  
Aprende della ;  
Sê-lhe fiel.  
Eulina amada ,  
Se tens um peito ,  
Enche-o de ardor ,  
Verás que effeito  
Produz Amôr !

## CANTATA IIª.

**Q**ue alegre madrugada ! os passarinhos  
Do somno despertando  
A Aurora estão saudando.

Salve, ó bella manhã ! Feliz quem póde  
Respirar o teu ar, que o sangue esperta ;  
E longe do tumulto da cidade  
Contemprar a Natura !

Que scena encantadora a formosura  
Destes valles amenos me apresenta !  
Salve outra vez, ó bella Natureza ,  
Que os homens desconhecem !  
Mas não : Nize gentil, a minha Nize,  
Da ingenua Natureza os dons prezando,  
Não engrossa o cardume  
Dessas almas vulgares. Quantas vezes  
Apenas a manhã raiar começa,  
Solitaria baixando,  
Aqui está a Natureza contemplando !  
E que cheiro suave



A matutina viração me envia !  
Talvez , ó Nize , o halito divino ,  
Recostada na relva ao fresco espalhes.

Eu não me engano , ó cara :

Se as arvores menêa

Boliço Favonio manda aos ares  
O cheiro de mil pominos , de mil flores :  
Azul regato , que os jardins retalha ,

Embebe róseo aroma :

Assim , ó Nize , quando a choça me honras,  
O halito , que espiras , coalha os ares

De angélica ambrosía !

Agora que o horizonte avermelhado

Vé fugir com a noite

Opacas nuvens de vapôres frios ;

E os fervidos Etontes sacudindo

As crinas refulgentes

Querem passar as métas do Oriente ,

Oh que quadro gentil alma Natura

Aos olhos apresenta !

Ao longe alcantilada penedia ,

Aqui e ali orlada

De arbustos verdenegros, vario musgo  
A scena feixa ! ó Nize ,  
Vem qual d'antes , meu Bem , ah vem commigo  
Contemplar um chuveiro de belezas :  
A' face do Universo remoçado  
Eterno amor juremos.  
Abre a boca de nacar , um sorrizo  
Della á medo escapando ,  
De novas graças a Natura enfeita.  
Sim , teus beijos deleites mil gotejam ,  
Nize minha divina !  
Vestidos de rubim , quando elles se abrem  
Em meigo santo riso ,  
Os ares alvoroçam , aviventam :  
Elles de amor se accendem.  
Aqui no valle , que os outeiros fende ,  
Onde as limpidas aguas ajuntando-se  
Formam de prata arroios ,  
Quando passeas entre alegre e triste ,  
Qual a manhã serena ;  
Eis o lascivo tremedor arrulho  
Das leves avezinhas namoradas

( 44 )

Tc presentem , ó Nize ; enternecidas  
De raminho em raminho andam saltando ,  
E parece te dizem gorgendo :

ARIA.

Nize tyranna  
Tem dó de Armido ;  
Torna , inconstante ,  
Torna ao querido  
A consolar.

Elle te jura  
Por esses olhos ,  
Onde os Amores  
Fervem á molhos ,  
Sempre te amar.

## A CRIAÇÃO.

**L**A sobre hum alto do nascente mundo,  
Donde as aguas tremendo recuarão,  
Quando ouvirão a voz do Deos do raio,  
Poderosa Energia discorrendo  
Por entre a denegrida humida terra,  
Que do abismo a cabeça levantava,  
Organizados, noveis Entes cria,  
Viçozas plantas, de que o Globo pasma!  
Pelos ventos aromas mil espalhão  
Os verdejantes ramos seus diffusos,  
Que do ar expansivo a vida tirão :  
Os Zéfiroz brincões dependurados  
Alegres batem as lascivas azas.

Já d'entre o firme verde laberinto  
Voão, cortando o ar, canoras aves :  
Entoando canções em seus gorgeios  
Ledas saúdão a menina Aurora.  
Então amor de prole em laço estreito  
As une todas. Laços que Natura

Forjou para os viventes , meigos laços ,  
Que envão intenta ferreo Fanatismo  
Quebrar d'entre os humanos , Deos piedoso !

Eis pelo novo campo vem saltando  
Animaes de cem formas , cem figuras !  
Lá da noite do Nada , em que jazião ,  
Deos lhes faz ver a luz ; a luz que tinha  
Do esteril cháos fecundado o seio .

Ah ! de prazeres mil gozão contentes ,  
Que Natureza liberal derrama ;

Nem austera Razão , injusta e fraca !

Os atormenta com seus vãos remorsos .

Porque teu braço aqui não suspendeste ,  
O Sabia , compassiva Divindade ?

A criadora Mão parar devera .

Pobres humanos , ah ! porque os geraste ?

Leves momentos em prazer gastados ,

Que os crimes avenenão , sepultados

Jazer devião no vazio Nada !

Nos campos geniaes de Edén formoso ,

Gentil morada , que nos destináras ,

Ligeiro sono apenas encetarão

Nossos primeiros Pais, a quem o Fado,  
 Invejozo ! segou em flor os gozos.  
 Então o negro Averno, impio e tirano,  
 Das ~~stij~~ suas fauces vomitou sanhudo  
 Cerrados esquadões de horrendos males,  
 Mil sanguinosos malfazejos crimes.  
 O filho infame, bravejando de ira,  
 No sangue maternal ensopa os braços;  
 E pensa, ó meu bom Deos, que assim lho mandas!  
 Eis lá na costa d'Aulide saudosa  
 C'o vivo sangue de Ifigenia bella  
 As sacras aras da triforme Deosa  
 Manchou deslumbrada a Grega frota.  
 Ao vento dadas as madeixas d'ouro,  
 Cingida a frente de sagrada faixa  
 Ao altar se avisinha. O Sacerdote,  
 Em alto alçando o barbaro cutello,  
 O golpe lhe prepara. Ternas gotas  
 A Dôr espreme dos visinhos olhos.  
 Cruel, suspende o golpe : e de que serve  
 Para ventos domar sangue innocente?  
 Triste Ifigenia , misera donzella !

Em vez dos laços de Hymineo suaves,  
 Que Amor compadecido lhe tecia,  
 De surdos Deoses vítima cruenta  
 Cega superstição a sacrifica !

Lá de Haiti nas praias assustadas  
 De ver cavados lenhos, que orgulhosos  
 Cerrão em largo bojo espanto e morte,  
 Desembarcão ousados homens-mousters;  
 E apóz o estandarte correm, voão,  
 Que Fanatismo, que cubiça alçarão.  
 Imbelles povos, Indios innocentes !  
 Do armado Espanhol provão as iras.  
 Que Deos fizera hum Mundo creem os Tigres  
 Para ser preza sua. Em toda parte  
 Americano sangue, inda fumando,  
 A terra ensopa, e amollenta as patas  
 Dos soberbos ginetes Andaluzes.  
 Deos do Universo ! a Natureza freme,  
 E de horror na garganta a voz se prende !  
 Tiranos Europeos ! e tanto póde  
 Esse loiro metal divinizado !

E tu, que os crimes dos mortaes conheces,

Deos piedoso, Deos que nos criaste,  
Porque cruentas mãos livres lhes deixas?  
Devias antes seus nefandos feitos  
Manso atalhar, do que punir irado!  
E se para o castigo hê que os consentes,  
Sendo punidos, deixão de estar feitos?  
Se a maquina imperfeita não regula,  
O Artista he sô culpado, que não ella.  
Ah! se a obra de tuas mãos benignas  
Rebelde havia ser á teus preceitos,  
Antes, ó Deos, antes a não formasses:  
Criar folgaste eternos infelizes?  
Que perspectiva horrenda! densas nuvens  
O horizonte da Razão me embrusção!  
Immenso abysmo me rodéa todo!  
Fracca Razão humana, cháos vasto  
De orgulho e de cegueira, ah! não presumas.  
Misterios penetrar á ti vedados:  
Ama os homens, e á Deos : isto te basta.



## EPISTOLA

ESCRITA DE COIMBRA NO COMEÇO DA PRIMAVERA  
DE 1785.

..... Nor ye wo live  
In luxury and ease , in pomp and pride,  
Think these lost themes unworthy of your ear.

THOMPSON, *Seasons*.

**T**u, em quem liberal a Natureza  
Unio uma alma grande a um peito humano,  
Tu que ves, doce amigo, cáro Armindo!  
Os miseros mortaes vagar sem tino  
De dezejo em dezejo, de erro em erro  
No immenso barulho das cidades;  
Donde a risonha Paz e a irmãa Justiça  
Banidas pelo vicio vão fugindo;  
Foge do alvergue das paixoens e crimes;  
E pois que a Primavera deixa a nuvem,  
E fresca desce sobre os nossos campos,  
Companheiro vem ser da Natureza.  
Se annos inteiros lá na Côrte gastas

Com rostos mil fingidos, vem uma hora  
 Gastal-a có a amizade. — Verdes freixos  
 Que a caza me rodêam, sombra amena  
 Copados guardam para ti. — As Ninfas  
 Colhem as novas flores, que do seio  
 Da terra o almo sol resplandecente  
 Lá desd'o assento seu, raiando, cria.  
 Com ellas tecem mil gentis grinaldas  
 Para ornarem-te a fronte, ó caro Armindo !  
 Ah ! se a terna Delmira inda te lembra,  
 Deixa essas Marcias, deixa essas Nerinas,  
 Nevados coraçoes, que amor não sentem.  
 Longe de nós, Armindo, esses amores  
 Que accasos geram, que desfaz uma hora :  
 Longe de nós, Armindo, esses amores  
 Prodigamente dados, que a vontade  
 Engeita por fastio ou por cansaço.

Amor não quer Athletas furiosos,  
 Que a méta corram desbocadamente.  
 Fólga de amantes vivos, mas prudentes :  
 Util descanso, e fervidos prazeres....

Então os meigos Beijos voadores,  
Co' as azas buliçosas refrescando  
As amorosas faces inflammadas,  
Renovam a paixão, dão-lhe energia.  
Doces meiguices, brincos engraçados,  
Tudo precisa Amor; muito lhe servem.

De pámpanos frondosos coroando  
Nossas cabeças, rubicunda a face,  
Sentados com Delmira em brando musgo  
A' sombra da floresta, rodeados  
De festivo esquadrão de Cupidinhos,  
De Dezejos gentis, de leves Risos,  
Com o louro Madeira que desterra  
Negra melancolia pensadora,  
*Bassareo Evohé*, nós gritaremos.  
Lá quando a Tarde fóge amedrontada  
Do Inverno irado, que seus ventos junta,  
E a Noite principia a abrir as azas;  
Voltando para a caza socegados  
Com teu modo Socratico, mordendo  
Irás no velho mundo, que empeóra.

Graciosas pinturas delicadas  
 De puros *Zeros*, que per si não vivem,  
 Do politico Mévio barregudo,  
 Dignas do grande Pope irás fazendo.  
 Desmiolada cabeça, em cujo ôco  
 Pódem melhor girar trezentos mundos,  
 Do que no espaço do divino Newton!

Quantos pequenos *embrioens* das Lettras  
 No vasto alcaçar da benigna *Deosa*  
 Alojados verás á perna solta!  
 Apathica manada, que vegeta,  
 Em quanto poucos vivem. — Grande Deosa,  
 Coeterna do cháos! Mãe dos asnos!  
 Estupidez affavel que derramas  
 No caleijado peito de teus filhos  
 Insipida alegria. — Ou abrindo a fonte,  
 Fazes correr em bica mil palavras,  
 Escoltadas de *Symbolos*, de *Enigmas*;  
 A' cuja vista timida a Verdade,  
 Coitadinha Verdade! espavorida  
 Desampara a *cadeira* de Minerva;

Reina no Mundo, pois nasceste *Deosa* ;  
 E ao redor de teu throno boccejando  
 Teus gordos filhos vejas descansados  
 Mil somnolentos *vivas* entoarem !  
 Eu não dezejo, nem dezeja Armindo  
 No altar da Razão queimar-te incenso.

Vem pois, amado amigo, e a Natureza  
 Contemplemos um' hora. Solitaria  
 Nos campos mora, longe das cidades.  
 Já sentados a sombra de altos freixos,  
 Depois que o Sol do seu doirado throno  
 Aclara os Ceos, e os Zéfiroz lascivos  
 Faz siciar nos campos florescentes ;  
 Já lá sobre o rochedo alcantilado,  
 Que os prados do contorno senhorea,  
 Donde a águia velóz, cortando os ventos,  
 Demanda as regioens do empirio Ether,  
 Por todas estas scenas da Natura  
 Errar deixemos livre o pensamento.

Tu amavel Verdura. que atavias

Os campos geniaes na Primavera,  
Ah! faze com que Armindo solitario  
Entre a varia paizagem matizada  
Veja correr seus dias na innocencia.  
Pura amizade, candidos amores  
Já esperão por tí, meu caro Armindo  
Com Almena e Delmira, de mãos dadas,  
Em ameno passeio gastaremos  
As horas da manhã! Que lindas scenas!  
Eiz em seu carro d'oiro a branca Auróra  
As trevas afugenta do horizonte,  
E débilmente ainda os campos córa!  
Eiz as mansas ovelhas temerosas  
Fazem soar os prados c'os bálidos,  
Acordando os pastores preguiçosos!  
No bosque verdejante Philomela  
Gorgeando se queixa docemente!  
Já o bando voador em meigos laços  
Com mil lascivos namorados beijos  
Impellido de amor se une ditozo;  
Laços gentiz da próvida Natura!

No brando seio os Zéfíros traveços  
 Venus aqueça do nocturno frio.  
 Ella mesma distilla orvalho puro,  
 E com liquidas perolas borrifa  
 Os tenrinhos botoens das novas rosas!  
 O alma do universo, ó Venus bella!  
 Por ti respira tudo o que tem vida.  
 A hum teu aceno sô milhoões de Seres  
 Já nos profundos reinos do Oceáno,  
 Já na face da terra, ou lá nos ares  
 Renovão a cadêa do Universo!  
 Tu viver fazes a *Materia* inteira!  
 Todos quantos respirão, vivem, sentem  
 Na terra e mar, nas regioens do vento  
 Obedecem teus mandos, grande Deosa!

Sim, meu Armindo, vem passar teus dias  
 Nos ternos braços da fiel Delmira.  
 Tu e mais ella, eu e mais Almena  
 Ignorados da *turba* viveremos  
 Da singella virtude acompanhados,  
 Em quanto com Chimeras viz, ridiculas

( 57 )

Freneticos mortaes avida estragão  
No seio de mil males e mil crimes.  
Ah! escapa ao naufragio, ah! busca o porto!  
Assim Voltaire, o vate dos Philosophos,  
Cançado de lutar com viz intrigas,  
As Cortes desprezando, retirado  
Na aprazivel Ferney, viveo contente :  
Assim o pensador Rousseau sublime  
Herborizando terminou seus dias :  
Imitemo-los tambem, meu caro Armindo !





## O BRAZIL.

*Versos remettidos da villa de Itú á S. Mage.  
o Snr. D. João VI, no faustissimo dia 13  
de Maio de 1820.*

Que he isto, ó Musas! porque a lyra empunho,  
A Lyra que ao silencio consagrara?  
De novo os labios não inolhei nas aguas  
De Aganippe e Castalia! no Parnazo  
Não dormi, nem sonhei! Porque estro santo  
Me inflama a mente de Apollineo fogo?  
Maz eu já vejo o Numen que mo accende.  
Es Tu, ó bom João: teus são meus versos;  
Gratidão mos bafeja, a Patria os pede.  
E Tu, João Augusto, ouve estes versos,  
Que o Brazil me arrancou do experto peito;  
E lança hum volver d'olhos picdoso  
De amor paterno, sobre a nova China  
Que teus Lusos povoão, fertil, rica  
Sobre tudo o que vê o Sol doirado,  
Quando nasce e se põe! Teu he inteiro,

Desde o longo Pará ao largo Prata  
Este immenso paiz, mimo do Céu!  
Que deve merecer-te amplos cuidados.

Não te enganem com vil hÿpocresia  
Astutos Cortezãos, sombríos Bonzos,  
E os que nos molles vicios ser affectão  
« Albuquerquees terriveis, Castros fortes,  
» Em quem poder porém já tem a morte. »  
Mas em torno de Ti te adejem brandas,  
Filhas do Céu! Verdade, são Justiça,  
Meiga e candida Paz, risonha Flora,  
Ceres, Pomona, os Sylfos bemfazejos  
Que os tesoiros te abrão, entranhados  
Nas vastas serras, nas impervias matas.  
Illumina teus Povos; dê socorro,  
Pronto e seguro, ao Indio tosco, ao Negro,  
Ao pobre desvalido. — Então Riqueza  
Teus cofres encherá. O mar inchado  
Verás manso acamar-se, como otr'ora,  
De novos Argonautas ante as proas :  
Verás o Genio da gentil Botânica,

( 60 )

A quem a bemfeitora Medicina  
Corteja , e acompanha a Agricultura ,  
A coró'a enramar-te de mil louros :  
A criadora Chímica escoltada  
Das artes todas , verás o rico seio  
Revazar sobre ti , sobre teus Povos  
Dos tesoiros que o patrio solo encerra.  
Mas hoje justo hê que te offereça  
A nova Lusitania agradecida  
Grinaldas mil de immarcesciveis flores,  
Que Amor e Lealdade te hão tecido.  
De Jovens e Donzellas chóros cento  
Com ledos hymnos seus troão os ares ;  
E bemdizem-te hoje , o Rei Augusto ,  
Porque Commercio e Industria Tu lhes abres ;  
Tu lhes dás novas Leis , e novos Foros :  
Tu lhes ensinarás á arar a terra ,  
Os ríos navegar , rasgar os cerros ;  
Porque despedaçando vás benigno  
A immunda vestidura da pobreza ;  
E de brutos farás homens e Heroes !

## HŨA TARDE

*Não sitio de Santo Amaro perto da villa de Santos, da Provincia de Sam Paulo.*

Como esta mata escura está medonha!  
Não hé tão feia a habitação dos Manes!  
Este ribeiro triste como sóa  
Por entre o pardo emaranhado bosque;  
E como corre vagorozo e pobre!  
O sol, que já se esconde no horizonte,  
O quadró afeia mais. — O vento surdo  
De quando em quando só as folhas move!  
A rouca voz pararão temerosos  
Os esquivos *Jacús* (1) nos bastos gallios  
Cheios de *Caraguataes* (2), das *Upiubas* (3).  
Das azas vai lançando a fusca Noite  
Terror gelado; o grito agudo e triste

(1) Os *Jacús* são especies do genero *Penelope* de Linné.

(2) Pertencem ao genero *Bromellia*.

(3) São arvores das matas virgens, cuja especie presentemente não posso determinar.

Nos velhos *sapezaes* (1) dos verdes grillos  
Somente soa ; e o ar cheio de trevas,  
Que as arvores augmentão , vem cortando  
Do agoureiro morcego as tenues azas.  
Hê este da tristeza o negro alvergue !  
Tudo he medonho e triste ! so minha alma  
Não farta o triste peito de tristeza !

(1) He húa das *grammineas*, que se apodera dos  
terrenos estereis, por cançados.

---

## AUZENCIA.

Em Paris, no anno de 1790.

**P**ODE o Fado cruel com mão ferrenha ,  
Eulina amada , meu encanto e vida ,  
Abafar este peito e suffocarme !  
Que pertende o Destino ? emvão presume  
Rasgar do meu o coração de Eulina ,  
Pois fazem sós um coração inteiro !  
Imagem bella na minha alma impressa ,  
Tu desafias , tu te ris do Fado .  
Embora contra nos auzencia fera ,  
Solitarias campinas estendidas ,  
Serras alpinas , aridos desertos ,  
Largos campos da cérula Amphitrite  
Dois corpos enlaçados separando ,  
Conspirem-se -- até mesmo os Céos Tyrannos .  
Sim , os Céos ! Ah ! parece que nem sempre  
Nelles mora a bondade ! Escuro Fado  
Os homens bandeando , como o vento

Ós grãos de areia sobre a praia infinda,  
Dos miseros mortaes brinca c'os males!  
Se tudo pode, isto não pode o Fado!  
Sim, adorada, angelical Eulina,  
Eterna vivirás á esta alma unida,  
Eterna! pois as almas nunca morrem.  
Quando os corpos não possão attrahidos  
Ligarem-se em reciprocos abraços,  
(Que prazer, minha amada! O Deus Supremo,  
Quando fez com a voz gravido o Nada,  
Maior não teve) podem nossas almas,  
A' despeito de mil milhoens de males,  
Da mesma morte. E contra nós que vale?  
Do sangrento' punhal, que o Fado vibre,  
Quebrar a ponta; podem ver os Mundos  
Errar sem ordem pelo espaço immenso;  
Toda a Materia reduzir-se em nada,  
E podem inda nossas almas juntas,  
Em amores nadar de eterno gozo!

## ODES SAPHICAS.

### I<sup>a</sup>. — A' ROLLA.

**T**u que estes ares despejada cortas,  
Para onde, dize, voas sacudindo  
Tantos aromas de Sabéa origem,  
Doce Rollinha !

Entre a plumagem de arroxadas cores  
Alegre trazes pálidas violas !  
A quem no bico offerecer destinas  
Jasmins e rosas ?

Porque pendente do pescoço lindo  
Hum papel trazes, que parece Escrito  
De amores ternos, que hum amante envia  
A sua amada ?

Pára, e responde : — Vou seguindo, amigo,  
Não meus caprichos ; obedeço ao mando  
Imperioso de meu caro Amo,  
De Nize escravo :



Nize formosa , Nize que domina  
Livres vontades , e com meigo riso  
As iras vence de Cupido , e vence  
Mortaes e Deoses.

Desde os pendores da gentil *Tijuca*  
Vim ao chamado do meu grão Poeta.  
Terno me pede ; porem eu submissa  
Por amo o tenho.

Elle me ordena que lhe leve á Nize  
Carta nacida de seu brando peito ;  
Cujos amores , dos mortaes inveja ,  
Canta suave ,

Quando entre as penhas , resoando a Lyra ,  
Nize celebra em *Catombi* ditozo ;  
Ou nas sombrias , sempre verdes margens  
Do seu *Catete*.

Jurou me agora de outorgar-me certo  
A liberdade , se esta carta entrego ;  
Mas eu que pezo com juizo as coizas ,  
Eu a regeito .

( 67 )

De que me serve atravessar os ventos,  
Soffrer os frios da empinada serra,  
Comer faminta, de bichinhos cheas,  
Bagas agrestes?

De que me serve recrear os Echos  
Dessas montanhas com lascivo arrulho,  
E em duras garras de Gavião pirata  
Perder a vida?

Mais valê escrava do meu bom Jozino  
Cumprir honrada e bem leal seus mandos;  
E no seu meigo bondádozo seio  
Gemer suave.

Sentado á meza, elle co'migo brinca:  
Eu lhe arretrato o seu melhor bocado;  
Pico-lhe os dedos, eu a barba pico,  
Bejo-lhe a boca.

Ri-se, e me amima. E se doidices faço,  
Não me castiga, nem sequer se enfada;  
Antes em taça de *Madeira* loiro  
Logo me brinda.

Eu , quando Febo calido remonta ,  
Faço-lhe sombra co' as abertas azas ;  
E se da noite vai crescendo o frio ,  
Tambem o aquento.

Assim eu vivo regaladamente ;  
Livre de laços , livre de perigos ,  
Durmo tranquilla ; ou de sentinella  
Guardo-lhe a Lyra.



## A' PRIMAVERA.

**M**oço, bebamos; enche o copo, bebe:  
Já novas rosas novo aroma espargem.  
Eia ligeiros ao jardim desçamos  
De Nize asilo.

Outra vez quero renovar amores,  
A Filomela acompanhando a lyra:  
Que gema Nize, como aquella geme,  
Entre meus braços.

No canto escuso do rosal cheirozo.  
A Baccho brinde, como aqui lhe eu brindo;  
Brinde aos amores, que co' as rosas voltaõ,  
E com ellas brincam.

A vida acaba; muda-se a Fortuna,  
Que bens e males sem juizo espalha:  
Os que hoje vivem, amanhãa morrerão:  
Amemos hoje.

( 70 )

III.<sup>a</sup>

## O ZEFIRO,

IMITAÇÃO DE VILLEGAS.

O tu que moras nesta verde selva,  
Hospede eterno do florido Maio,  
Halito doce da formosa Venus,  
Zefiro brando !

Das minhas ancias se o ardor sentiste,  
Se dos pezares algum dó tiveste;  
Pára, e não fujas; e á Derminda dize,  
Dize que morro.

Derminda hum tempo minha dor sentia,  
Derminda hum tempo minha dor chorava;  
Amou-me hum tempo, mas agora creio  
Que me aborrece.

Assim os Deoses com amor paterno,  
Assim as Deosas com ternura meiga

( 71 )

Neguem, durante que feliz voares,  
Neves á Terra.

Já mais o peso da saraiva branca,  
Quando madruga o sombraceiro cume,  
Toque teus hombros, nem o máo granizo  
Fira-te as azas.



## A CREAÇÃO DA MULHER.

**J**á tinha o Mundo  
Jove formado,  
E Rei de tudo  
O Homem criado.

**M**as solitario  
Este se achava :  
Brusca tristeza  
O dominava.

**C**om mão profusa  
A natureza  
Emvão mostrava  
Tanta bellêza !

**C**antavam aves,  
Bulía o vento :  
Tudo infundia  
Contentamento.

Florído o valle  
Reverdecia :  
De aromas mil  
O ar se enchia.

Manhãa serena  
Leda brilhava :  
Manto de estrellas  
A noite ornava.

E todavia ,  
Qual duro tronco ,  
O Homem jazia  
Sisudo e bronco.

Covas escuras ,  
Mata enredada ,  
Nellas fazia  
Sua morada.

No solio eterno  
Jove sentado ,  
Então aos Deuses  
Falla pousado.



( 74 )

Mortal soberbo  
C'o entendimento  
Sondar pretende  
Mysterios cento :

Só, pensativo  
Se desalenta ;  
Do mundo inteiro  
Nada o contenta .

Eu distrahil-o  
Quero piedoso ;  
Beba sua alma  
Nectar gostoso .

Forma então Jove  
Nova creatura ;  
De Venus bella  
Fiel pintura .

Esbelto talhe ,  
Meneo brando ,  
Mil amorinhos  
Vão rebanhando !

( 75 )

De oiro madeixas,  
Ao vento soltas,  
Ameigám feras,  
Que andam revoltas.

Os Cupidinhos  
Dos verdes olhos  
Duros despedem  
Settas á molhos.

Covas da face  
Branca e rozada,  
Vós sois das Graças  
Gentil morada !

Vozes suaves,  
Que as almas prendem,  
De fio em fio  
Dos beijos pendem.

Ah ! são seus beijos  
Fontes de vida !  
Em neve pura  
Romãa partida !

( 76 )

As alvas têtas  
De marfim puro  
Ah ! são mais rijas  
Que cristal duro !

Carne mimosa  
Que a vista enleva,  
Onde o desejo  
Emvão se ceva !

Ao vêla o homem  
Pasma , estremece !  
Quer abraçala,  
Corre , enlanguece !

Quem es ? es Deosa ?  
( O homem lhe grita )  
Ah ! se podesses  
Trazer-me dita !

Ella responde ,  
Sou tua espoza :  
Deixa a tristeza ,  
Ama-me , e goza.

## SONETOS.

**E**u vi Narcina um dia , que folgava  
Na fresca borda de uma fonte clara :  
Os peitos , em que Amor brinca e se ampara,  
Com aljofradas gotas borrifava.

O collo de alabastro nu mostrava  
A meu dezejo ardente a incauta avara.  
Com ponteagudas settas , que ella hervara,  
Bando de Cupidinhos revoava.

Parte da linda coixa regaçado  
O candido vestido descobria;  
Mas o templo de amor ficou cerrado :

Assim eu vi Narcina. — Outra não cria  
O poder da Natura , já cansado ;  
E se a pode fazer , que a faça um dia.

## SONETO.

*A Marina adoecendo no dia dos seus annos.*

Os faxos pelos ares sacudindo,  
Voando baixaõ mil gentis Amores;  
Cingidas todas de festoens de flores  
As Graças vejo vir folgando e rindo.

De Ditos chocarreiros bando infindo,  
Brincos traveços, Beijos voadores,  
Travando dos Dezejos matadores,  
Ledos se aprestão ao festejo lindo....

Eis chega Amor ! — Os miseros humanos  
Vinguemos hoje ( diz ); cesse a alegria;  
Não se celebrem de Marina os annos.

Os males que ella fez punão-se hum dia  
Sinta murchar os olhos soberanos,  
E pague co' a doença a tirania.

## SONETO,

*Improvisado no casamento da senhora D.\*\*\**

**E**STE que baixa em branca nuvem pura,  
Coroadado de murta, e de mil flores,  
He Cupido, gentil Deos dos Amores,  
Que á terra desce cheio de ternura.

As nupcias assistir da Formozura  
Vem, que mil corações c'os passadores,  
Que despedem seus olhos vencedores,  
Sugeitou de seu mando á prizão dura;

Ao vêl-a o Numen de prazer se enchia;  
E as niveas faces com fervor lhe beja:  
Em tanto pudibunda ella sorria.

Vive, Delmira, diz : sempre te eu veja  
Rodeada de amores, de alegria,  
Fazer c'o teu Jozino as mais inveja.

## IMPROVISADO. (1)

**D**ERMINDA, esses teus olhos soberanos  
Tem captivado a minha liberdade;  
Mas tu cheia, cruel, de impiedade  
Não deixas os teus modos deshumanos.

Porque gostas causar dores e clamnos?  
Basta o que eu soffro : tem de mim picdade!  
Faze a minha total felicidade,  
Volvendo-me esses olhos mais humanos.

Já tenho feito a ultima fineza  
Para ameigar-te a rija condição;  
Es mais que tigre , foi baldada empreza.

Podem meus ais mover á compaixão  
Das pedras e dos troncos a dureza,  
E não podem abrandar hum coração ?

(1) Foi feito tendo o A. de idade 16 annos. Este e os dois seguintes são os unicos frutos da su amusa juvenil , que conserva; e só por isso os estima.

## SONETO. (1)

**D**ERMINDA, aquelle amor, que me juraras,  
Onde está, tantas vezes promettido !  
He possível que seja aborrecido  
Jozino teu, que d'antes tanto amaras ?

Ah ! Derminda cruel, não me affirmaras  
Ser mais facil o ver-se destruido  
O globo todo inteiro, que fingido  
Ser o candido amor, que me mostraras ?

Tem feito o tempo ver a falsidade  
De tuas vãs promessas : nas traidoras  
Só se acha, ó cruel, variedade.

Mas fazes muito bem senão me adoras :  
Tal deve ser a feminil vontade,  
Pois não foras mulher, se firme foras.

(1) Foi feito tendo o A. 16 annos.



## SONETO. (1)

*Improvisado na partida para Portugal  
em 1783.*

**A**DEUS, fica-te em paz Alcina amada,  
Ah sem mim sê feliz, vive ditoza;  
Que contra meus prazeres invejoza  
A fortuna cruel se mostra irada.  
Tão cedo não verei a delicada,  
A linda face de jasmims e rosa,  
O branco peito, a boca graciosa  
Onde os Amores tem gentil morada.  
Pode, meu Bem, o Fado impiamente,  
Pode negar de te gozar a dita,  
Pode da tua vista ter-me auzente :  
Mas á pezar da misera desdita  
De tão cruel partida, eternamente  
Nesta minha alma viverás escrita.

(1) Tinha então o A. 18 annos.

( 83 )

## ANACREONTICA.

Os brincos, as meiguices,  
Os arrufos, os risos,  
Os odios, e caricias,  
Ternos *quindins*, denguices

Eu já cantei d' Almira;  
Ah! faze, meiga Venus,  
Que ella me dê amores,  
Já que lhe dei a Lyra.

## A NIZE.

O rosto de Nize amada,  
Se c'os meus seus labios toco,  
Surrindo-se envergonhada,  
He qual matutina rosa  
Pela Aurora rociada,

OUTRA.

Pretendes encubrir, ó nescio amante,  
O amor em que ardes todo,  
Quando suspiras, e andas delirante !  
Se assim não fora, o doce murmúrio  
Desta fonte, que Nize outr'ora honrara,  
Nunca teus olhos humidos tornara !

*A' Senhora D. J. de C., tocando Piano.*

Nestes teus dedos, Pepita,  
Morão Musas, morão Graças;  
E para nossas desgraças,  
Tambem Cupido, o frecheiro.

---

## EPIGRAMMA

*Ao Ministerio de L. de V.e do C. de V V.*

Do nosso Portugal o bom Rodrigo  
Huma airoza boneca hia fazendo;  
Só faltava vestil-a mais á tragica.  
Mas eisque o máo Diabo,  
Que a virtude aborrece,  
Cruel borrasca, raios cem despede,  
E dá com elle á costa.  
Pedantes barregudos, grãos crianças,  
De miolo vazios,  
Do carunchozo Estado o leme tomam;  
E apenas avistarão a boneca,  
Contra ella furiosos  
As unhas vão provar em continente.  
Hum o braço lhe arranca, outro huma perna,  
Em fim bramando de ira,  
Hum co' a forte queixada que rtrincar-lhe  
A pobre cabecinha. —

( 86 )

Desgraçada boneca ! — Deos piedoso,  
A homicida dentuça suspendei-lhe !  
Não permittaes que acabe degolada  
A misera Nação, e o Luso Imperio !



## EPIGRAMMA.

( Imitado de Bernard. )

**D**A-ME hum beijo, Marina; apaga a chama  
Que o peito meu consume.

« Pois bem, toma, Jozino. »

Novos dejezos brota o novo lume. —

Mais dois, Marina. — « Aqui os tens, mofino. »

O sangue se me inflamma !

Feliz serei, se quatro mais me deres.


« Desta vez te dou cem. » Prazer divino !

Ah que eu morro ! « Então dize o queres ? »

( Imitação de Anacreonte. )

Se nitidos montões de oiro invejado  
Dos humanos a vida prolongassem,  
Mil insanos trabalhos vergonhosos  
Para ajuntalos eu soffrera hum anno;  
E se a Morte cruel e cubiçosa  
Visitar me viesse, eu repartira

Com ella dos thesouros meus feixados.  
Maz se os doidos mortaes comprar não podem  
D'entre os braços da Morte a cara vida,  
Não hê loucura suspirar por oiro?  
Contentes pois c'os bens que desfrutamos,  
Namoremos, Amigos, e bebamos.



## PARAPHRASE

DE PARTE DO CANTICO DOS CANTICOS.

### *O Esposo.*

**A**h dá-me, ó cara, os saborozos beijos  
Dessa suave purpurina boca !  
Quaes em torno das rosas orvalhadas  
Abelhas diligentes, taes do accesso  
Coração pullão férvidos dezejos.  
Já meus vorazes beijos vão roubando  
Balsamico thesouro sobre os labios  
Em que Amor mora. A lingua sitibunda  
De nectar divinal todo me inunda.  
Mais jucundo que Arabigos perfumes  
He o hálito teu, amada esposa !  
Qual nova Phenix entre aromas puros  
Arde contigo já minha alma amante :  
Arde, sim — mas ditozos seus ardores !  
Pois para doces júbilos maiores  
De novo resuscita, quando morre.



Tu de pombinha azul tens as pupillas :  
 Dois pomos crús , que o crú Amor nutrira ,  
 Brincão no meio do expandido seio :  
 Elles, ó cara , são duas aljavas ,  
 Donde mil corações Amor settea.  
 Vaidozas Graças mil cingem-te o corpo  
 Se passeias ; e se ligeira corres ,  
 Pareces viração que os trigos move.  
 Qual do prado rainha as flores vence  
 A fresca rosa , assim gentiz donzellas ,  
 Quando te vem , de inveja amarellecem.  
 Cristal o collo , de ébano as madeixas ;  
 Lindos jasmims os cándidos dentinhos ;  
 Nos rubros beijos trazes mel e leite ;  
 Faz deste mundo Ceo hum seu sorriso.

*A Esposa.*

Meu doce Bem , ah cessem teus louvores ;  
 Porque tal formosura eu não a tenho :  
 Sim , eu ardo de amor , mas não sou bella.  
 Comtigo só , comtigo , caro esposo ,  
 Derreter-se de amor esta alma ancía.

( 9<sup>o</sup> )

Feliz serei , se o fogo meu te accende ;  
E serão paga minha os teus deleites.  
Sim , hum so coração de dois façamos.  
Com sympathico lume ambas as almas  
Amor nos accendeo — tua sou toda :  
Eu para ti , tu para mim nasceste.  
Desde que os olhos teus para mim voltas,  
O coração , qual raio , ah tu me abraças.  
Eu apenas respiro , perco as cores,  
Ardo , esmoreço ; fico toda amores.

---

## EPITAFIOS.

Ao POETA S....

**M**ORREO Mevio desgraçado,  
E desgraçado viveo :  
Por mais que o pedia á todos,  
Ninguem hum real lhe deo.

Ao P. J. A.

Jaz aqui Bavio enterrado ;  
Possa ser-lhe a terra leve :  
Ah para ser execrado ,  
Que de trabalhos não teve?

Ao P. S.

Jaz aqui quem sempre fallou ,  
E depois que aqui está só se calou.

## FABULA PERSIANA.

Queria tola gralha mui ufana  
Da perdriz imitar o andar garboso ;  
Não o pode aprender, perdeu o seu.

## DIALOGOS.

( Imitados de Champfort. )

### I.

**N**IZE não me quer mais ver. —

« E porque ? » Porque zangado  
Namoradeira a chamei.

« As pazes eu vou fazer. »

Tambem de feia a tachei.

« Pois então, Amigo, adeos. »

### II. — ENTRE O GALLEGO E O AMO.

Meu amo, não foi possível

Comprar-vos pescada hoje.


« E porque ? » Atravessou-se  
Hum Beca, que ma bifou. —

Aqui tens quatro moedas,

Compra a pescada e o Beca.

III.

Parece que sobre as Bellas  
Não comes mais mocas já?  
«Tens razão;» e eu te diria  
O que penso a cerca dellas.  
«Ah dize-o já sem tardar.»  
Espera que he mais prudente  
Guardar isto para velho.



## A BARCA DE SIMÃO,

DE D. THOMAS IRIARTE.

**T**EV E Simão huma barca  
Somente de pescador ;  
E somente como barca  
A' seus filhos a deixou.

Maz elles tanto pescarão ,  
E tanto *gimbo* ganharão ,  
Que já tinhão por desprezo  
Não mandar baixel maior.

Passou a barca á chaveco,  
Logo á fragata passou ;  
E depois á náó de guerra  
Que atroava terra e mar.

Maz já roto e velho o casco  
Das tormentas que soffreo ,  
Apodrecia no porto :  
Que mudança o tempo traz !

( 96 )

Mil vezes a tem crenado ;  
Maz por fim será melhor  
Desmanchal-a, e contentar-nos  
Com a barca de Simão.



( 97 )

## ODE

DE OSSIAN.

**Q**ue triste escuridão ! desamparada  
Na serra me acho das tormentas : berrão  
Sobre seu cume os ventos.

As aguas gemem pela penha abaixo ;  
E contra a chuva asilo não diviso,  
Pobre de mim , coitada !

Aqui estou solitaria , aqui sentada  
Sobre a rocha musgosa , sobranceira  
A' margem da torrente.

Das aguas e dos nortes o ruído  
Ouço somente , maz não ouço as vozes  
Do doce amigo auzente !

Levanta-te ó Lua , ah sahe da nuvem ;  
E vos resplandecei , da noite Estrellas !  
Talvez clarão benigno  
Me poderá mostrar onde repousa



Da caça fatigado o caro amante  
C'os rafeiros ao lado !

Porque não vens á mim , ó meu querido ?  
Ah porque tarda da collina o filho  
Em cumprir a promessa ?  
Eis a arvore he esta ; eis o regato....  
Devias aqui estar antes da noite :  
Assim mo prometteste.

O' vento para hum pouco : e tu suspende,  
Regato , o teu rumor ! minha voz se ouça  
Pela verde planicie ;  
E do meu caçador fira os ouvidos.  
Quem por ti brada ; quem por ti suspira  
Eu sou , meu caro amante !

Junto da arvore estou , sobre o penedo  
Assinalado. — E porque , ó caro , tardas ?  
Ah ninguem me responde !  
Emvão pálida a Lua a face mostra ;  
Emvão as aguas lá no valle brilhão !  
De mim já te esqueceste.

Lá inda ao longe debilmente alveja  
Aquella penha , que o caminho indica  
Que outrora elle seguia. —  
Mas atravez do cume eu não o vejo ,  
Nem os seus cães fieis e dianteiros !  
Desemparada morro.

---

## TRADUÇÃO

*De dous pedaços da Theogonia de Hesiodo.*

### ADVERTENCIA.

**O**USEI traduzir estes dous pedaços da Theogonia de Hesiodo, por sêr este velho Poeta grego pouco conhecido, e estimado entre nós. Hesiodo he pelo menos tão antigo como Homero; e se devemos julgar pela sua Mythologia mais physica que historica, parece-me, que, ou lhe he anterior, ou ignorava a sua existencia, a pezar de que alguns criticos modernos o fação posterior á Homero, hum seculo pelo menos. Homero poetizou na Asia menor, então mais culta que a Grecia Europea, e á cujo bello clima deveo talvez a doçura de seus versos, e as imagens graciosas dos seus dous poemas. Hesiodo porem he o primeiro Poeta grego Europeo, á quem as Musas do Helicon, em cujas abas morava, inspirarão pela

primeira vez. As obras certas, que delle nos restão, são a sua *Georgica* intitulada, *Obras e Dias*, que imitou e excedeo depois o culto e grandioso Virgilio, e a sua *Theogonia*, ou geração dos deoses, poema mytho-theologico, onde a pezar de secura enfadonha ha pedaços de grande valentia, e sublimidade. Nella reunião, e coordenou os mythos, e tradiçoens oraes dos diversos povos e regioens da Grecia, inserindo nelles os germens da philosophia physica e theologica dos sabedores d'então, para explicar as maravilhas do mundo, e firmar melhor a sociedade civil. Os hymnos ou Ladainhas Orphicas receberão delle nova forma e novo ornato, nova alma, e imagens de alta poesia, cujas engenhosas allegorias dilucidarão, e aformosearão cada vez mais os poetas que se lhe seguirão.

## BATALHA

ENTRE OS TITANOS E OS DEOSSES.

*V. 629, e seguintes.*

**E** certo batalharão largo tempo  
Titanios Deoses, e os Saturnios filhos,  
E derão-se entre si combates horridos :  
D'Othris alta os Titanos gloriosos,  
E lá no Olympo os Deoses hemfeitores,  
( Que de Crono gerou, de tranças bellas  
Rhéa ) dez annos entre si pelejão  
Guerra crua, de sorte duvidosa ;  
E os combates sem fim assim duravão.  
Mas desde lhes deo Jove, o que éra justo,  
Ambrosia divinal, e nectar puro,  
De que os Deoses se nutrem, generosa  
Cresceo a audacia em todos. E ja fartos  
Sendo d'ambrosia e nectar saboroso,  
Dos homens, e dos Numes diz o Padre :  
Ouvime pois, ó vós de Ceo e Terra

Inclyta prole, ouvi-me o quanto dicta,  
 E manda esta alma, que no peito trago.  
 Ha muito já, que de continuo andamos  
 Pela victoria, e mando batalhando  
 E os Titanos, e os que de Crono vimos :  
 He tempo já, que força, e mãos invictas  
 Contra os Titanos, na pesada guerra,  
 Mostreis agora; e recordeis de novo  
 A placida amizade, e tudo quanto  
 Depois de livres das prizoens infames  
 Dos calabouços horridos das trévas  
 Gosais de bens, por nossa só vontade.  
 Assim fallou. Replica Cotto illustre :  
 Tu não dizes, ó Deos, cousas ignotas :  
 Todos sabemos, que em prudencia e siso  
 Ninguem te iguala. Tu somente foste,  
 Que libertaste dos horrendos males  
 Os Immortaes. Por teu saber profundo  
 Da escuridão, e dos grilhoens sahimos.  
 Que de penas incriveis não soffremos,  
 Almo filho de Crono ! Agora cumpre  
 Com forte coração, acerto e manha

Vingar o vosso Imperio em dura guerra  
 Contra os Titanos. Disse ; e os hemfazejos  
 Deuses ouvindo-o , o seu dizer louvarão.

*A Styge. V. 775, e seguintes.*

Mora neste logar horrida Styge  
 Tremenda aos Deoses, filha do Oceano  
 Primogenita ! E tem inclyto alcaçar  
 Longe dos Immortaes , cuberto todo  
 De lagédos ingentes , rodeado  
 Por argenteas columnas, que o sustentão.  
 Poucas vezes a Filha de Taumante  
 Leve ajeja do mar sobre as espadoas,  
 Quando entre os Deoses surge alta contenda :  
 Mas se d'entre elles ha quem minta, manda  
 Jove súbito á Iris, que lhes traga  
 Em aureo vaso aquella agua famosa,  
 ( Grande jura dos Deoses ! ) que resumbra  
 De alta rocha, depõis que do Oceano  
 Longo espaço corrêra subterranea  
 Pelo seio profundo. — E porem dizem,  
 Que he de toda ella só a parte decima;  
 O resto se revolve no regaço

Do vastíssimo mar, e em torno á Terra  
Em vortices de prata; e a outra parte  
Em grão damno dos Deoses só goteja.  
Se por esta jurou, e foi perjuro  
Qualquer dos Immortaes, que o frio cume  
Do Olympo habita, por hum anno inteiro  
Inerte jaz então, sem tino e acordo:  
Nem para elle ha já ambrosia, ou nectar;  
Mas sobre o leito jaz sopito, e mudo.  
Passado havendo deste mal o tempo,  
A' primeira sua dór maior succede.  
Desterrado do Ceo nove annos anda;  
Nem jamais he chamado ao grão Concelho,  
Ou á mesa dos Deoses. — Em dez annos  
Volta por fim ás divinaes moradas.  
Tal he da velha Styge a agua perenne,  
Por onde os Deoses jurão. Ella banha  
Aridos chãos. — Alli da tenebrosa  
Terra, e do inexhausto esteril Ponto,  
E do Polo estrellado estão por ordem  
As fontes, e as esqualidas, infaustas  
Raias, que os mesmos Numes aborrecem.



## ODE PRIMEIRA

*Das Olympicas de Pindaro.*

### ADVERTENCIA.

**A**BALANCEI-ME á traduzir esta Ode , por vêr que do maior e mais sublime dos Lyricos antigos não tínhamos versão algúa boa , ou má , em verso ou prosa. He lastima , que tendo nós tantas Odes pseudo-Pindaricas , não saibamos ainda , o que sejam realmente Odes de Pindaro , nem qual a sua maneira de poetar. He inútil talvez repetir aqui , que Pindaro a pezar de nascer entre os Beocios , taixados *de gorda e crassa Minerva* , foi sempre reputado entre os Gregos pelo maior Poeta do seu genero. Esta opinião nacional acha-se tambem sancionada pelos criticos Latinos ; e bastará lêr o que delle diz Quintiliano , e o que delle cantou o maior dos lyricos Romanos. Entre os modernos , que podem ter voto decisivo

na materia, Inglezes e Allemaens são seos Enthusiastas, não obstante que quasi toda a harmonia de seos versos he perdida para ouvidos do tempo d'agora. Os mesmos Romanos, entre os quaes florescia a lingua Grega, pela indole diversa da latina, não poderião já sentir, e saborear inteiramente as bellezas de collocação as chamas do estro, e a ouzadia das figuras, e metaphoras, que muito tem da antiga Poesia Hebraica. Para fazer-mos porem algúa idéa das profundas e deliciosas sensações, que excitarião os sublimes canticos de Pindaro, devemos lembrar-nos, que entre todas as nações cultas da antiguidade nenhuma havia mais entusiastica da musica, e da poesia, do que a Grega; devemos attender, que huma victoria alcançada no Estadio Olympico, por exemplo, era tal vez de maior valia, que as do campo de Marte; e finalmente, que a Poesia andava sempre acompanhada pela Musica, e muitas vezes pela Dança. Sem estas considerações, muitos dos rasgos, e vóos Pindaricos

parecerão antes á alguns modernos partos de embriaguez, ou de cerebro desconcertado, do que inspiraçoens de Apollo. Porem para os Gregos d'então que electricismo forte lhes não causaria o só pannejamento das ideas, o dezenho, claro-oscuro, e proporçoens dos pensamentos e imagens, as continuas allusoens historicas e mythicas, e sobre tudo o rhythmo e melodia poetica de huã lingua, que não tinha, e nem terá outra igual em todo o mundo.

Das numerosas obras poeticas de Pindaro somente nos restão varias Odes em louvor dos vencedores, que alcançarão a palma da luta, e das carreiras equestres ou pedestres nos jogos publicos e geraes da Grecia. He de advertir porem, que aquellas mesmas victorias só servião á Pindaro de estímulo e motivo para desferir sublimes e variados cantos. Nelles o Poeta diuaga livre e soltamente pela mythologia dos Heroes e Semideoses, que fundarão cidades, e civilisarão povos; pelas tradiçoens

historicas, que realçavão a patria dos triumphadores, ou os lugares dos mesmos jogos; porem ao mesmo tempo não se esquece de celebrar as virtudes dos vencedores, quando as possuião dignas de memoria. He de tudo isto junto, que Pindaro tece a têa de suas Odes, dando-lhe ainda novo realce e alma com rasgos sublimes de moral, e de Religiosidade. Permitta-se me esta nova palavra, tomada aos Allemaens; visto que Religiosidade e Religião são cousas differentes hum homem pode seguir huma heresia, e todavia sêr muito religioso, e *vice versa*. Para-com Pindaro os Deoses da gentilidade não são Entes lascivos, caprichosos, e vingativos, mas justos e benignos, authores, conservadores, e regedores do nosso mundo, a quem devião os Gregos reverenciar e adorar, e não calumniar e ridiculizar, como fizeram Euripides, e outros Poetas posteriores. He quanto basta, para que o leitor instruido e de gosto possa fazer idea do genio e indole das poesias de Pindaro; e só

acrescentarei, que não acho pintura mais adequada do genero Pindarico, que a de Shakspeare, quando descreve o Poeta em geral.

*The Poet's eye, in a fine frenzy rolling,  
Doth glance from heaven to earth, from earth to heaven.  
And as Imagination bodies forth  
The forms of the dings unknown, the Poet's pen  
Turns them to shapes, and gives to airy nothing  
A local habitation, and a name.*

He justo porem, antes que acabe esta Advertencia, dizer algúa cousa desta minha traducção. Bem sabia eu, antes de a começar, que a lingua Portugueza rarissimas vezes pode igualar ao laconismo e energia da Grega; e todavia he a lingua Portugueza bella, rica e sonora; menos dura e surda que a Allemãa e Ingleza; mais energica e variada ao ouvido que a Italiana; mais suave e natural que a Castelhana, e superior em tudo á Franceza que hé mais propria para os chistes e gentillezas de sallas de senhoras, que para exprimir sensações fortes e grandiosas, ou para pintar ima-

gens poeticas atrevidas e novas; mais propria-  
emfim para as danças de Venus, que para  
os vóos dithyrambicos de Bassareo.

Permitta-se me alargar aqui alguma cousa  
mais o discurso para desengano de muitos de  
meus leitores preocupados. Com effeito, nin-  
guem pode duvidar que a lingua Franceza he  
muito regular e logica, e optima para obras  
scientificas e discursos academicos; mas por  
isso mesmo muito captiva e sopeada para o  
estro lyrico. A construcção peculiar dos seus  
periodos, e a falta de inversão se oppoem  
tambem muito á pancada electrica, que só dão  
as ideas dos vocabulos, quando são postos em  
lugar proprio. Por desgracia dos escriptores  
Francezes, o dialecto sonoro Provençal houve  
de ceder o passo ao surdo e retalhado dos  
Picardos e Normandos; e a lingua do bello  
seculo de Luiz XIV ficou mais monosyllabica e  
monotonica, do que convinha ao rhythmo e  
melodia da Musica e Poesia. Não podendo seus  
Poetas pelo só numero e medida dos versos

deleitar o ouvido, e excitar a attenção, fizeram-se escravos da *rima*, e recorrerão á antitheses e agudezas, que enfastião pela sua repetição, e pelo *non erat hic locus*: em huã palavra, entre os Francezes verso e *rima* he huã e a mesma cousa, assim como nos Centauros da Mythologia, o homem e o cavallo. De mais o seu verso heroico he huã copula forçada e cançada de versos de seis syllabas, ligados dous á dous; e o mesmo saõ os decasyllabos. Ambos elles saõ por isso tambem mais proprios para Epigrammas e Satiras, que para composições grandiosas e chêas de estro. A facilidade e clareza, que ninguem pode negar ao Francez, todavia pouco ou nada ajudão aos vóos da fantesia, ao fogo dos affectos, e aos extases do ouvido, que somente podem causar o *rhythmo* do verso, e a melodia natural dos sons. E como poderião ainda os seos melhores lyricos imitar em suas Odes o *os rotundum, et magna sonaturum* de Pindaro, como se explica Horacio? Daqui vem que João Bap-

tista Rousseau , que passa com razão pelo seu melhor Poeta lyrico , se brilha as vezes como phosphoro , nunca me extasiou , ou fez bater o coração : quando Pindaro chameja e queima , elle só luz , e faísca por momentos.

A pezar porem do merito da lingua Portugueza , ou por incapacidade minha , ou por falhas de ella , foi-me mui difficil , ou quasi impossivel , sem aguar os pensamentos , ou despedaçar o gigante para criar pigmeos , traduzir á Pindaro com fidelidade , nobreza e laconismo , môrmente nos epithetos compostos , que muitas vezes hum só delles forma hum painel completo. Como poderemos em linguagem , sem paraphrase cmsossa e fria , verter , por exemplo , a bella Invocação á Jupiter da Ode I<sup>a</sup> das Olympicas.

*Elater brontas akamiantopodos.*

( *Vibrante-agitador do-raio de-incansaveis pés .* )

Ondeacharemos nos huá só palavra que exprima a energia do *Elater* , e outra que pinte



ao ouvido a rapidez gallopante dos dous anapestos do epitheto *ākāmāntōpōdōs*. Para podermos pois traduzir dignamente a Pindaro, ser-nos-lia preciso enriquecer primeiro a lingua com muitos vocabulos novos, principalmente compostos, como provavelmente fizeram os mesmos Homero e Pindaro para com a sua: se por fatalidade nossa o immortal Camoens, que tanto tirou do Latim e Italiano, não ignorasse o Grego, certo teria dado ao seu Poema maior força e laconismo, e á lingua Portugueza maior emphase e riqueza. Nos já temos muitos vocabulos compostos tirados do Latim, e porque não faremos, e adoptaremos muitos outros, tanto ou mais necessarios em poesia, como por exemplo, *Auricómada*, *Roxicómada*, *Boquirubra*, *Braccirosea*, *Olkinegra*, *Olhiamorosa*, *Argentipede*, *Tranciloira*, *Docirisonha*, *Docifallante*, etc. etc. Ousem pois os futuros Ingenhos Brasileiros, agora que se abre nova epocha no vasto e nascente Imperio do Brasil á lingua Portugueza, dar este

nobre exemplo; e fico, que a pezar de franzirem o heição Puristas acanhados, chegará o Portuguez, já bello e rico agora, á rivalisar em ardimento e concizão com a lingua latina, de que traz a origem.

Para este meu primeiro ensaio não me foi possível em Bordeos nas minhas actuaes circumstancias, valer-me dos traductores Inglezes e Allemaens, e só pude consultar a *Gedicke*, que muito me servio para a boa intelligencia, e critica do texto. Senti muito não poder ler de novo a versão de *Voss*, porque prézo muito as suas traducçoens poeticas, bem que muitas vezes seja nellas algum tanto duro, e pouco natural; mas quanto ás versoens Inglezas e Italianas, creio que pouco perdi, se devo dar credito ao que dellas escreverão os criticos, que li. Não consultei as Francezas pelas razões já acima apontadas; e bastará dizer, que Blondel principia esta ode com o risivel comêço. *C'est une chose excellente que l'eau.* Fr. Luiz de Leon, que tenho por hum dos

melhores Lyricos da Hespanha , na traducção desta Ode deo-nos huá paraphrase insulsa , e muitos vezes infiel : busquei nella a Pindaro , e não achei sequer o estro e força da *Profe-ciado Tejo*.

Ficão expostas as difficuldades , que tive de vencer na versão desta , e outras Odes de Pindaro , em que trabalho. Se ella fosse muito atada á lettra , seria má pelo barbarismo da frase , e inintelligivel pela obscuridade do estillo ; se muito solta e livre , não seria então traducção , mas sim huã paraphrase , ou composição minha. Procurei por tanto , quando não podia emparelhar com Pindaro na carreira , não desviar-me ao menos do seu trilho , caminhando pelas suas mesmas pegadas ; ou como honrado devedor , já que não podia pagar na mesma moeda recebida , busquei , quanto em mim coube , satisfazer en outra de igual quilate e peso. Finalmente vai esta traducção acompanhada de alguãs notas , que me parecerão de absoluta neccssidade para sua melhor intelligencia. Fi-

( 117 )

carei contente, quanto este meu ensaio não agrade á muitos dos meus leitores, que ao menos os excite á que fação melhor.



( 118 )

## ODE I.<sup>a</sup>

DAS OLYMPICAS DE PINDARO,

*Ao Siracusio Hieron (1).*

A PRIMAZIA tem dos Elementos  
A agoa; (2) e qual em noite escura chama,  
Que estrepitosa ondea,  
Entre a soberba das riquezas o oiro  
Brilha porem se queres,  
O' mente minha, celebrar victorias,  
Outro não busques astro, que te inflamme  
Mais docemente que o esplendor diurno  
Do sol, quando raiando  
Os páramos ethereos atravessa :  
Nem mais famosas lides,  
Que os combates de Olympia.  
  
Elles com hymnos fervidos dominão  
O espirito do vate,  
Quando discantão o saturnio Jove (5)  
No rico de Hieron ditoso alcaçar ;

Hieron , que o sceptro da justiça rege  
Em Sicilia , de mil manadas prenhe.  
Ali cada virtude flores colhe; (4)

E em fulgido atavio  
De melódicos cantos resplandece ,  
Se na hospedeira mesa  
Em torno o celebramos (5).

Eia pois , arranquemos do alto muro  
O Dorico alaúde; (6)  
Já que de Pisa e Pherenico a fama (7)  
De júbilo suave o peito me enche.

Ah ! como leve sem espora vóá  
Pelas margens do Alpheo , (8)  
Quando lá ao seio do triumpho leva  
O seu senhor, o Siracusio Princepe,  
Que com ginetes folga !  
Já seu renome raia na cidade  
Madre de heroes fecunda,  
Do grão Lydico Pelope colonia ;  
A' quem o forte abarcador da terra ,  
Neptuno , amou outrora , quando Clotho ,

Luzindo o eburneo hombro, (9)  
Da caldeira o tirara.

Ah sim, podemos crer que ha maravilhas;  
Mas quantas vezes contos  
Enganão os mórtaes c'o variado  
Ornato fabuloso!

Magico toque da Ficção, que adoça  
Dos homens o pezar, os mythos veste  
De roçagantes respeitaveis roupas,  
E ao incrivel dê crença:  
Mas a serie do tempo hê quem somente  
A verdade afianca.

Fallem os homens com respeito ao menos  
Dos immortaes celicolas;  
Menor então hê a culpa.

Agora pois de ti cantar eu quero  
O que ninguem cantou, Filho de Tántalo.  
Então quando teu pai na cara Sypilo (10)  
Os divos convidara  
A' banquetes alternos, o potente  
Tridentifero Deos profunda chaga

( 121 )

De amor sentio LO peito;  
E a ti, a quem roubara  
Sobre o seu carro d'ouro ao grão Palacio  
Te conduzio de Jove  
Largamente-adorado, onde já antes  
A' iguaes serviços fora  
Roubado Ganymedes (11).

Tantalide, de ti ninguem sabia;  
Nem mortal curioso á mãe afflicta  
Noticia algúa dava:  
Só vizinho invejoso se aprazia  
Com escuro boato, de que os Deoses  
Talhando o corpo teu em mil pedaços,  
Em agoa recozidos,  
Por sobremesa tñhão devorado (12).

Oh! que loucura insana  
De infame gula enxovalhar os Deoses!  
Já de medo estremeço!  
Ao máledico empolga ira Divina.

Se do Olympo os senhores algum dia,  
Mortal algum honrarão,



Tántalo foi hum destes, não duvides.  
Mas ah ! que não digere immensa dita  
O coração humano ! Do soberbo  
Com grave braço armado  
Lançou mão a Vindicta; e Jove irado  
Sobre o triste ligou cadente penha,  
Que de balde forceja eternamente  
Da cabeça arrojar : eternamente  
Foge d'elle a alegria.

Assim com seus tres socios desgraçados (13)  
O quarto afflicto passa  
Em ais continuos vida abandonada.  
A ambrósia e nectar, que roubara aos Deoses,  
E que immortal o tornão,  
Vaidoso regalou á mortaes hóspedes.  
Loucura enganadora, emvão presumes  
Teus feitos esconder á olho Divino !  
Os Immortaes então severos volveem  
A' perecedoira humana especie o filho.  
Mas quando o loiro buço  
Da flórida amorosa Juventude

A parda barba lhe cercava em torno,  
O coração lhe bate  
Pelo terno consorcio apeteccido  
Da linda Hippodamía,  
Do Rei Pisano filha.

No negrume da noite solitario  
Pelas praias do mar anda vagando;  
E em altos brados ao terrivel clama  
Neptuno tridentifero :  
Já se avizinha o Deos, e elle assim ora :  
« Eia, Neptuno, diz, se os dons sagrados  
» Da Paphia te commovem,  
» Ah! sustem de Enomáo a bronzea lança! (14)  
» Para Elide me envia  
» Súbito o carro teu. Com teu amparo  
Apanharei Victoria.  
Já forão treze namorados Jovens  
Da lança traspassados;  
E todavia o barbaro demora  
Da bella filha as nupcias.  
» Nunca nobres perigos assaltarão

» Afeminados peitos ;  
» E se morrer devemos,  
» Porque de balde alguém gastar a vida  
» Ingloria quererá no escuro seio  
Do oprobrio, não cuidozo  
Das heroicas acções? Não, o Combate  
Eu o vou arriscar, e tu benigno  
Ditoso fim concede.

Assim falla o mancebo, e se apodera  
Da alma do Deos co'o não baldado rogo.  
Em jubilo se accende,  
Eis já lhe empresta o Deos doirado carro,  
E incansaveis cavallos voadores.

Assim escapa de Enomáo a sanha,  
E a donzella conquista,  
Que seis filhos lhe dera  
Famosos Reis, e de virtudes ricos.  
E mil valiosas victimas agora  
Em honra sua fumão, dormitando  
A' corrente do Alpheo .  
E os combates Olympicos em torno

O seu tumulto afamão  
Junto do altar sagrado, qué visitão  
Bando de forasteiros.

A gloria e fama das Pisanas Lides  
Ao longe resplandecem  
De Pelope no estadio,  
Onde os rápidos pés correm, porfião,  
E forças juveniz co' afinco lutão :

E na carreira equestre  
Júbilo doce o vencedor ajunta  
Aos longos annos. Ah e que prazeres  
Maiores há, mais puros do que aquelles  
Que cada dia voltão ?

Eia pois hoje ao vencedor teçamos  
Nobre grinalda de cançoens Eolicas (15)  
Segundo a lei do Estadio.

Ninguém ao hospede meu, ao meu amigo  
Entre os viventes ousará negar-lhe  
De sabio e poderoso a primazia :  
Ninguém certo merece  
Em sonoro alaúde

Por mim cantado ser mais do que elle.

Deidade protectora

Com meigo coração os teus dezejos

Bafeja; e se durar celeste amparo

( Assim o espera a mente )

Eu tambem o Saturnio outeiro subo (16),

Que o sol tanto allumia.

Das canções immortaes calcando a senda,

O carro teu celebrarei rodante;

E altivo cantarei, Hieron ditoso,

A ti suaves hymnos;

Que já me empluma a Musa

De novas forças a potente frecha.

A' cousas desvairadas se abalanção

Aqui e ali os homens;

Mas aos Reis alto cume so torrea.

Os olhos não abaixes;

Marcha constante á cavalgar a altura;

Que eu marcharei á par dos vencedores,

Com meu ousado canto allumiando

A Grecia toda inteira.

## NOTAS.

(1) O Scholiaste de Pindaro, e com elle alguns commentadores poem esta victoria de Hieron na 73<sup>a</sup> Olympiada, e por conseguinte en tempo que Hieron nem sequer regia a Gella, quanto mais a Siracusa. O titulo porem de *Siracusio* que lhe dá Pindaro, e outras passagens desta Ode, mostram o contrario; e por isso sigo a emenda que fez Heine, lendo Olympiada 74<sup>a</sup> ou 75<sup>a</sup>, em vez de 73<sup>a</sup> como traz o Scholiaste. Deste modo tudo se concilia.

(2) Aqui allude Pindaro a philosophia de Thales Milesio, que ensinava ser a agoa a base e origem de todos os corpos do nosso globo.

(3) Como os jogos Olympicos erão principalmente consagrados á Jupiter, por isso os Poetas convidados ao banquete de Hieron o celebravão á mesa.

(4) *A arete* dos Gregos he o mesmo que a *virtus* dos Latinos; mas não propriamente o que ora chamão *virtude* os Moralistas e Theologos. Pindaro a tomava por aquella valentia corporal, e firmeza de animo, que muito prezavão Gregos e Romanos.

(5) Era costume entre os Gregos, que os Poetas convidados á banquete cantassem por turno os lou-

vores do dono da casa ; e para isso circulava o alaude ou lyra pelas mãos de todos.

(6) O epitheto de *Dorico*, de que se serve Pindaro, indica que o estilo ou genero musical, em que cantara esta Ode, fora o Dorico, que entre os outros tres, Jonico, Lydico e Phrygio, era o mais pomposo e sublime.

(7) *Pisa* he o nome antigo de Olympia, e *Pheric*o ( victorifero ) o do cavallo vencedor.

(8) Nenhum Poeta deixa de fallar no Alpheo; mas talvez muitos ignorem ser hum rio da Elide na Grecia, o qual corria perto do Estadio Olympico. O districto da Elide e a cidade Olympia estavam no Peloponeso ( Ilha de Pelope ).

(9) Para melhor intelligencia do Author, cumpre saber o que fabulava a mythologia acerca de Pelope e de Tantalo, seu pai. Este Rei da Lydia tendo sido banquetado pelos Deoses, os convidou tambem á sua mesa; e para os regalar, talhou em pedacos a Pelope seu filho, e conzinhados estes poz na mesa Júpiter percebeo o infame engano, e fazendo ajuntar todos os pedacos, os fez de novo cozer na caldeira, donde Clotho, huma das Parcas, tirou vivo á Pelope; mas como a faminta Ceres já tinha devorado hum dos seus hombros, deu-lhe a Parca outro de marfim.

(10) *Sypilo* he hum monte da *Lydia* na *Asia* menor, hoje *Anatolia*, em cujas abas havia huma cidade do mesmo nome.

(11) *Ganymedes* foi hum Principe Troiano, que pela sua grande formosura fora roubado, e conduzido ao *Olympo*, onde servia de copeiro na mesa dos Deoses.

(12) Esta fabula regeita com indignação *Pindaro*, e dá mais asisada causa ao castigo de *Tantalo*, em que depois falla. Esta fabula he contada differentemente pelos Poetas; e *Pindaro* segue huma opinião pouco vulgar, bem que já ella se acha em hum fragmento que nos resta do Poeta *Archiloco*.

(13) Os tres companheiros da desdita de *Tantalo* são *Sisypho*, *Tityo* e *Ixion*, cujas fabulas são bem sabidas, e por isso inuteis de repetir.

(14) *Enomáo* ( *OEnomaos* ), Rei da *Elide*, e por conseguinte tambem de *Pisa* ou *Olympia*, teve huma filha, a mais bella e linda rapariga do seu tempo, que he a *Hippodamia*, namorada por *Pelope*. Para obter-la em casamento, devião os pertendentes combater com seu Pai na carreira equestre. A pezar do grande perigo, a que se expunhão de morte quasi certa, já tinham sido vencidos e mortos 13 Princeses que a pertenderão. *Pelope* porem ajudado de *Neptuno*, o Deos



criador do cavallo , e como dizem , animado pela sua namorada , que o acompanhava no carro , obteve a victoria. Outros Mythologos querem que Pelope muito devera ao cocheiro de Enomáo , que talvez voltara o carro no meio da carreira.

(15) Canção *Eolica* quer dizer canção Thebana , pois Pindaro era natural de Thebas , cidade povoada antigamente pelos Eolios.

(16) Este oiteiro era vizinho ao Estadio , e delle muitos vião os jogos e combates Olympicos.



## A PRIMAVERA.

*Idyllio traduzido do Grego.*

### ADVERTENCIA.

**F**oi este lindo Idyllio composto em Grego pelo Poeta Meleagro, natural de Gadera na Syria, que floresceo hum seculo, com pouca differença, antes do nascimento de Christo. Pela primeira vez o imprimio em Roma, no anno de 1759 em 4º, o senhor João Baptista Zenobetti, que o tirou de hum codice manuscrito, que da Bibliotheca Palatina passara para a do Vaticano; e o traduzio e commentou amplamente. Como porem não pudesse eu consultar esta bella edição, servi-me do texto Grego sem espiritos nem accentos, e da versão Latina, como vem na Obra periodica, que outr'ora se publicava em Berne como titulo: *Excerptum totius Italicæ, necnon Helveticæ litteraturæ*, no tomo 4.º do anno de 1750. Tanto mais sinto a falta da edição do senhor

Zenobetti, quanto he o texto assaz corrompido em hum lugar, bem que todavia não damne a corrupção ao sentido do mesmo texto. Muito mais me he para sentir o não haver eu podido ainda alcançar a excellente edição de Meleagro, que deo á luz o senhor Graefe, professor do Instituto pedagogico de Petersburgo : já que de hum Helenista tão consumado, é tão habil e pratico na poesia Grega, como elle he, de esperar era, que corrigisse o referido lugar de huma maneira plenamente satisfactoria aos entendidos do Grego. Nesta minha traducção procurei, quanto em mim foi, ser fiel, e chegado ao texto; sem contudo ser duro e inintelligivel, como não raras vezes tem acontecido á algumas modernas versoens Portuguezas de antigos classicos. Se esta traducção der tanto gosto aos leitores, quanto me deo a lição de seu original, ficarei por certo satisfeito; quando não, foi issò trabalho perdido e de poucas horas, de que me não arrependo.

## IDYLLIO.

**J**A do Ether fugio ventoso Inverno,  
E da florida Primavera a hora  
Purpurea rio : de verde herva mimosa  
A terra denegrida se corôa.  
Bebem os prados já liquido orvalho,  
Com que medrão as plantas, e festejão  
Os abertos botoens das novas rosas.  
Com os asperos sons da frauta rude  
Folga o Serrano, o Pegureiro folga  
Com os alvos recentes cabretinhos.  
Já sulcão Nautas estendidas ondas ;  
E Favonio innocente as velas bója  
As Menades, cubertas as cabeças  
Da flor d'hera, tres vezes enrolada,  
Do uvifero Baccho Orgias celebrão.  
A geração bovina das Abelhas  
Seos trabalhos completa ; já produzem  
Formoso mel ; nos favos repousadas  
Candida cera multiplicão. Cantão

Por toda a parte as sonoras aves ;  
Nas ondas o Alcyão ; em torno aos tectos  
Canta a Andorinha ; canta o branco Cysne  
Na ribanceira , e o Rouxinol no bosque.  
Se pois as plantas lédas reverdecem ;  
Floresce a Terra ; o Guardador a frauta  
Tange , e folga co' as maçãs folhudas ;  
Se aves gorgear , se as abelhas crião ,  
Navegão Nautas , Baccho guia os choros ;  
Por que não cantará também o Vate  
A risonha , formosa Primavera ?

---

## PARAPHRASE

*De parte do Psalmo 18.*

**M**AS eis já, que prodigio! de repente  
A terra muge, pavida tremendo :  
Os valles mugem; as montanhas todas  
Ondêão mal seguras nas raizes :  
E quem resistir pode  
De hum Deos á accesa ira ?  
Já tudo cerca devorante fogo :  
Nos ares boiço denegridos globos  
De basto fumo. Em vivas brazas arde  
O Polo todo inteiro.  
Ah quem será? Os eixos das espheras  
Já se lhe abaixão — densas nuvens cobrem  
Os pés seos rapidos !  
Sobre incansavel (1) Cherubim montado,  
Gallopa e vóa; mas eis que para, e ergue

(1) O *Cherub* dos Poetas Hebreos parece ser a *Sphinge* alada dos Egypcios, donde os Gregos fizeram o seu *Pegaso*.

( 136 )

Grão pavilhão, em que se occulta. Em torno  
Que pavorosa escuridão o cerca,  
E fusco veo de nuvens hastas, gravidas  
De mil cinzentas aguas ! Ah já fogem  
Súbito as nuvens ! Resistir não podem  
Ao scintillar dos turbidos sobrolhos  
Do grande Deos irado ; á hum seu aceno  
Já se desfazem em torrentes d'agua.



## RESTO

*De huma traducção de Ossian.*

**A**o pé de alto rochedo alcantilado  
No cume da montanha,  
Debaixo de hum carvalho carcomido  
Ossian, de Fingal derradeiro filho,  
Já velho, sobre o musgo repousava.  
A loira crespa barba  
Agitada do vento lhe ondeava;  
Sósinho, pensativo,  
Já privado da vista, elle escutava  
A voz medonha do tufão do Norte.  
Negra tristeza então lhe assalta o peito,  
E a chorar os mortos seus assim começa.  
Eis te cahido, qual hum grão carvalho,  
Cercado de seus ramos?  
Onde, ó Rei Fingal, onde estás ó padre?  
Onde estás tu, Oscúr, ó filho amado?  
Onde estão os meus todos?  
Ah, repousão na terra! embalde os braços



Estendo , e com mão gelada apalpo  
 O tumulto já frio : só a torrente  
 Ouvindo estou , que brame furiosa  
 Na pedra sepulchral , que as cinzas cobre !  
 Que me queres dizer negra torrente ?  
 Lembranças do passado me apresentas.  
 Filhos de Fingal nestas margens erão  
 Qual matta espessa em chão succoso e rico :  
 Agudos ferros suas lanças erão.  
 Bem temerário , quem oppor-se ousava  
     Ao seu furor e raiva !  
 Fíllán o grande estava aqui. Tu estavas  
     Oscúr , meu charo filho !  
 Aqui estava o potente e nobre Fingal  
 Co' a fronte branca de velhice honrada ;  
 Sobre as membrudas pernas se firmava,  
 Suas largas espadoas presentando.

.....

## TRADUÇÃO

*Do principio da 1ª Noite de Young.*

**C**OMFÔRTO da cansada natureza  
Somno suave ! Qual o mundo , paga  
Onde fortuna vi , prompto a visita.  
Elle abandona os infelizes , — foge ,  
Batendo as brandas azas , do infortunio ;  
E pousa sobre os olhos não manchados  
Por húa meiga lagrima somente.  
De breve e triste somno interrompido  
( Qual meu costume ) acórdó. Ah quão felizes  
Aquelles são , que nunca mais acórdão !  
De hum mar de sonhos resurgindo acórdó  
Tumultuosos : onde o pensamento  
Misero , atassalhado , erra sem tino  
De onda em onda de mil imaginados  
Males , perdido da razão o leme !  
Bem que agora já livre , he só mudança  
( Amargosa mudança ! ) de pezares  
Severos inda mais ! O dia inteiro

A' meos males tão curto ! e a noite ainda  
 Lá no zenith do seu dominio escuro ,  
 Qual sol em meio dia resplandece ;  
 E as córes aviventa do meu fado.  
 O' Noite , ó atra Deosa ! com sombria  
 Funerea pompa , lá do throno d'ebano.  
 Agora sobre o mundo amadornado  
 O plumbeo sceptro estendes ! Que silencio  
 Mortifero ! Que trevas ! quão profundas !  
 Não acha objecto a vista , ou o ouvido attento :  
 Ah dorme a criação — bem como o pulso  
 Geral da vida se parasse hum pouco  
 E húa pausa fizera a Natureza !  
 Tremenda pausa ! de seu fim prophetica.  
 Possa já realisar-se a Prophecia !  
 Fado , ah por piedade o panno abaixa ,  
 Pois que para perder , mais nada tenho .

.....

## TYTIRO.

*Idyllio primeiro de Virgilio, traduzido em  
verso Portuguez.*

## ADVERTENCIA.

Não chamo as Bucolicas de Virgilio *Eclogas*, mas sim Idyllios como os de Theocrito, á quem imita; porque a palavra *Ecloga* em Grego não significa em geral poesia pastoril, mas somente *obra escolhida* entre outras varias. Hé provavel que os Grammaticos antigos, Commentadores e explanadores de Virgilio, pelo primor da obra lhe dessem este nome: nome que depois foi exclusivamente applicado á taes composições. Para a boa intelligencia deste bello Idyllio cumpre em primeiro lugar saber, que elle fora composto no outono do anno de 713 da fundação de Roma, sendo Consules Lucio Antonio e Publico Servilio Isaurico, tendo Virgilio 28 ou 29 annos de idade. Nelle

agradece o Poeta a conservação da sua pequena herdade de Andes, junto á Mantua, cidade principal da Gallia Cisalpina, ou Italia superior, pois que as adeinais terras dos Termos da mesma Mantua e de Cremona tinham sido confiscadas e repartidas arbitrariamente pelos soldados veteranos de Octaviano Cesar e Marco-Antonio, depois da batalha e victoria de Philippos contra Bruto e Cassio.

Para fazer patente, e realçar a clemencia de Augusto, faz Virgilio figurar no Idyllio a Tytiro, Velho Abegão e Pastor da sua herdade, que finge ter hido á Roma implorar sua alforria, e a conservação da Fazenda, em cuja cultivation e amanho tinha envelhecido. Não hé preciso pois recorrer á allegorias ineptas e arbitrias, que injurião o bom juizo do Poeta, como o tem feito ate agora a maior parte dos scholiastes e commentadores. Galatea não hé Mantua, nem Amaryllis Roma; são duas servas ou Camponezas, que successivamente viverão em contubernio com Tytiro. Este abegão não

hé tambem Virgilio; hé hum servo já idoso, á quem por costume de superioridade, e por bondade dá Augusto o nome de rapaz.

Procurei nesta minha traducção conservar o typo dos Idyllios Virgilianos, isto he, a naturalidade sem baixeza, e a nobreza de estillo sem inchação nem requintes de agudezas; fuggindo com esmero dos dois extremos viciosos, escravidão litteral, e desenfreada liberdade. A vista disto, compare o leitor esta versão com a de Leonel da Costa, Candido Lusitano, e Malhão, e decida se perdi o meu tempo.

Rogo-lhe tambem que para melhor avaliar a concisão da copia, haja de lembrar-se que a lingua Latina não tem artigos, nem particulas de casos, nem tempos compostos de verbos, como a Portugueza: e demais advirta que o Exametro Latino tem em cada verso as vezes mais de quinze syllabas, quando o verso heroico Portuguez só tem 10, ou 11 quando muito; e não se esqueça igualmente das outras causas, que necessariamente alongão qualquer

traducção poetica, môrmente de textos Gregos e Latinos.

Se este meu pequeno trabalho merecer alguma aprovação, prometto publicar os outros nove Idyllios que restão, acompanhados das notas criticas, scientificas, e estheticas, que necessario forem para plena intelligencia e sabor de hum Pôeta, como Virgilio.



## TYTIRO.

---

MELIBEO.

Tu debaixo da copa recostado  
Da larga faia, ó Tytiro, te ensejas  
Em leve canna na silvestre musa :  
O paterno recinto, e as doces lavras  
Deixamos nós; da Patria nós fugimos.  
Tu, ó Tytiro, á sombra repousado  
Fazes o nome de Amaryllis bella.  
Nos bosques resoar !

TYTIRO.

O' Melibeo,

Hum Deos nos outorgou este descanso :  
Para mim elle sempre hum Deos será ;  
E seu altar mais de huma vez c'o sangue  
Dos proprios anhos tingirei devoto.  
Elle me concedeo , que minhas vacas  
Livres e soltas, como vés, pastassem :  
Elle me concedeo estar agora  
Na agreste gaita á bel prazer folgando.



## MELIBEO.

Não to invejo de certo : mas me espanto;  
Pois nestes campos os tumultos reinão  
Por toda a parte. Ah ! vé como enxotando  
Vou para longe afflicto essas cabrinhas;  
E apenas esta conduzi-la posso!  
Esta que á pouco sobre nua pedra,  
Aqui mesmo entre bastas avelleiras  
Ah ! dois gemeos deixou parida, que erão  
Da grei minha esperança ! Estas desgraças,  
Se eu não fora tão simples, muitas vezes  
Pelo raio feridos os carvalhos  
Mas predizião. — Tambem a avessa gralha  
Do carcomido azinho mo predice.  
Mas quem seja este Deos, dize-nos ora ?

## TYTIRO.

O' caro Melibeo, nescio eu julgava  
Ser a cidade, essa que chamão Roma,  
Mui semelhante á esta, para onde  
Costumamos levar os Ovelheiros  
Nossos tenros borregos; e desta arte

( 147 )

Cachorros confundia com rafeiros,  
Com cabras cabritinhos; e sohia  
Assim emparelhar grande e pequeno :  
Mas entre as outras alça a frente Roma  
Tanto, quanto entre os vimes o Cypreste.

MELIBEO.

Que grande empenho tinhas de ver Roma?

TYTIRO.

Liberdade, Pastor, que já tardia  
Al fim se me voltou, já quando inerte  
Me tozava o barbeiro a ruça barba;  
Al fim se me voltou, passados annos.  
Amarylhis nos tem, já Galatea  
Nós há deixado; e devo confessar-te  
Que no tempo em que amei á Galatea,  
Nunca pude ser forro; e nem cuidado  
Já mais eu tive de ajuntar peculio;  
Bem que anhos cem do meu redil sahisses,  
E para a ingrata Mantua gordos queijos  
Espremesse! porem já mais voltava  
Co' a maó pezada de miudo cobre.

## MELIBEO.

Amaryllis gentil, eu me admirava  
De ver que triste os Deoses invocavas;  
E para quem os pomos pendurados  
Nas arvores deixavas ! Sim , auzente  
Daqui estava o teu Tytiro ! os pinheiros,  
As claras fontes, os salgueiros mesmos  
Por Tytiro chamavão !

## TYTIRO.

Que faria?

Não me era concedido de outro modo  
Sahir do captiveiro; e daqui fóra  
Lá conhecer tam bemfazejos Deoses !  
Ali o Joven vi , por quem cada anno  
Fumão nossos altares dias doze :  
Pois elle foi quem respondeo primeiro  
A' meus rogos benigno. — Como d'antes  
Dice , pascei Rapazes, vossas rezes,  
E os touros assogai.

MELIBEO.

Ditoso Velho !

Al fim conservas tua patria herdade,  
Que assas te basta, inda que nua rocha  
Estreita os pastos, e o juncal lodoso,  
Ervagem desuzada as prenhes rezes  
Não dannará; nem do vizinho gado  
Ao teu se apegará ronha e gafeira.  
Ditoso Velho ! Aqui por entre os rios,  
Teus conhecidos, nas sagradas fontes  
Sombrio fresco tomarás : na extrema  
Do campo a sebe, onde as abelhas chupam  
Dos floridos salgueiros mel Hybleo,  
Sestear te fará com seu zunido.  
O podador dali sob o penhasco  
Aos ares mandará ledas canções;  
Em quanto tambem as roucas pombas,  
Teus amores, Pastor, e a triste rolla  
Gemer não cessarão la do alto olmo.

TYTIRO.

Primeiro os cervos pastarão nos ares,

( 150 )

E o pego deixará secos na praia  
Os peixes; e primeiro confundindo  
Antigas raías, desterrado o Partho  
No Araris beberá, no Tigris rapido  
O Germano, primeiro que do peito  
Já mais se risque sua imagem santa.

MELIBEO.

Triste de nós porem, que fugitivos  
Iremos habitar na Africa adusta!  
Outros a Scythia hirão, outros á Creta  
Beber as agoas do ligeiro Oaxes,  
E ao Bretão, do orbe inteiro separado.  
Ah! se algum dia succeder que volte,  
Depois de largo tempo, á pobre choça,  
Se meus Reinos eu vir, ah quam pasmado  
Ficarei, se enxergar inda húa espiga!  
Ora pois, Melibeo, peras encherta,  
Poem por ordem bacello! — Foge, oh gado,  
Outr'ora tão feliz! Fugi, cabrinhas!  
Na enverdecida gruta recostado  
Já mais pascer não vós verei de longe

( 151 )

Da rocha o matagal , dependuradás.  
Nunca jamais escutareis meu canto !  
Nem jamais tozareis , por mim guiadas  
Salgueiro amargo , e flórido codeço.

TYTIRO.

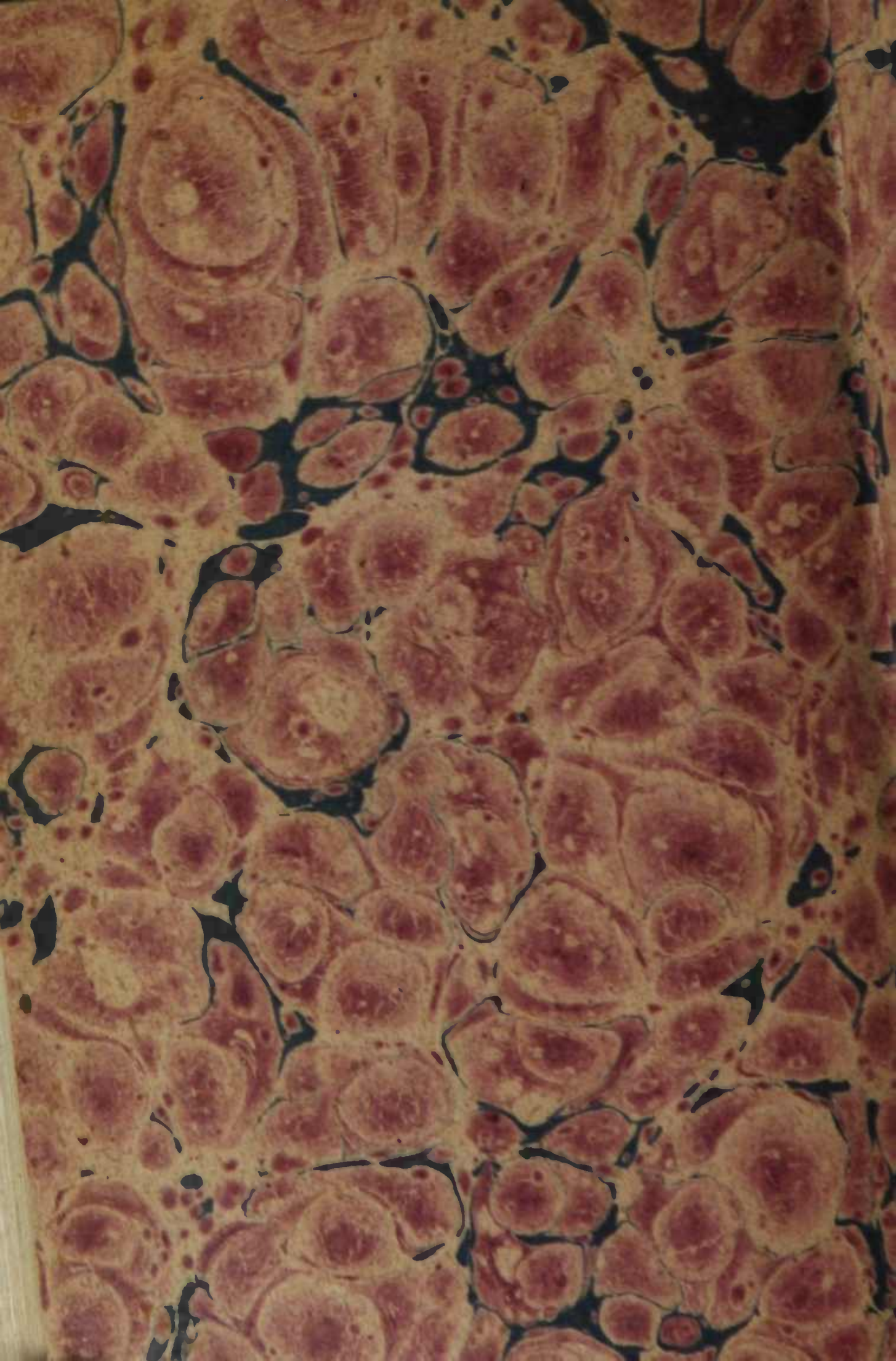
Ah fica hoje commigo , e reclinado  
Em verdes folhas , nesta noite ao menos  
Dá doce sono ao fatigado corpo.  
Maduras temos saborosas frutas ,  
Castanhas molles , requeijão bem fresco :  
Pois já de longe á fumegar começa  
Das pastoriz habitaçoens os tectos ,  
E as sombras , que dos altos montes descem ,  
Sobre nós já maiores vem cahindo.

FIN.

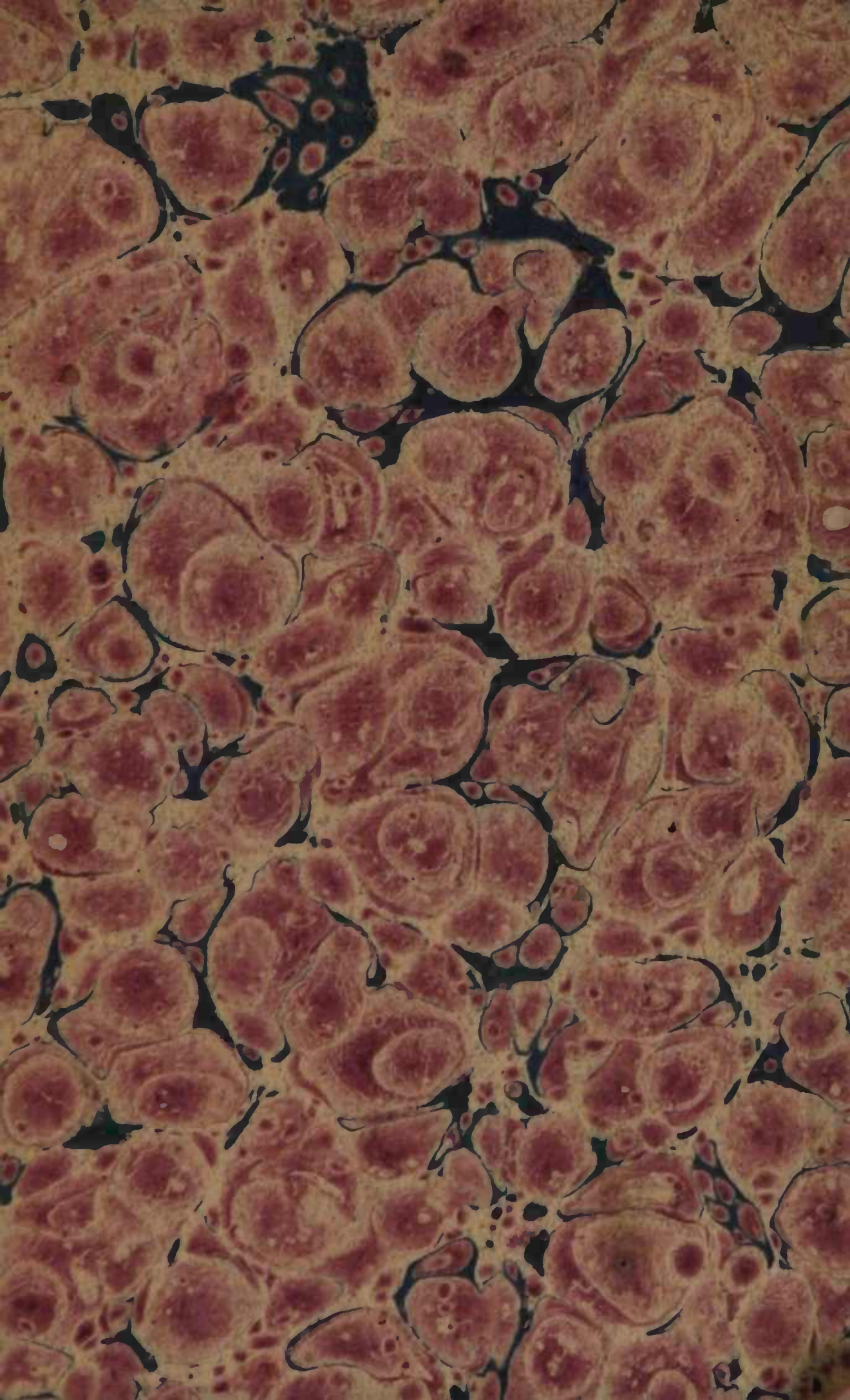
















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).